



**Mediunidade,
um ensaio
clínico**

Dr. Nubor Orlando Facure

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

MEDIUNIDADE, UM ENSAIO CLÍNICO

Dr. Nubor Orlando Facure

Campinas (SP)

2013

Índice

1. Introdução
2. O estudo antropológico
3. Mediunidade e sua neurofisiologia
4. Mediunidade em quatro abordagens
5. Estudando a mediunidade do ponto de vista neurológico
6. Estudando com exemplos clínicos
7. Contribuição ao pensamento espírita
8. Metaneurologia
9. Fenômenos psicofísicos de natureza espiritual
10. Questões espíritas

Introdução

Quando se fala em “estudo clínico” da mediunidade, o que nos interessa é a pessoa que está diante de nós e suas manifestações mediúnicas. Não falaremos das suas causas nem de sua classificação. Alguns exemplos da área médica podem nos ajudar a compreender o que é um estudo clínico: vamos considerar a depressão e o delírio. Ambos podem ser descritos em seus elementos característicos: o humor rebaixado na depressão e o pensamento caótico no delírio. Podemos discorrer sobre suas causas motivadoras: um aborrecimento na depressão ou uma intoxicação no delírio. Porém, um “estudo clínico” só poderá ser feito diante de um ser humano que manifeste um ou outro – depressão ou delírio –, e, nessa pessoa, o delírio ou a depressão terão particularidades decorrentes do histórico de vida, gênero, uso de drogas, acidentes traumáticos, infecções, e, principalmente, características da personalidade de quem observamos clinicamente.

Estudaremos assim a mediunidade, analisada do ponto de vista clínico, porque ela é um fenômeno que se manifesta num ser humano possuidor de uma história de vida, de uma personalidade e toda uma série de condições médicas.

Podemos descrever vários aspectos que se revelam clinicamente na mediunidade: a sua apresentação antropológica, seu modo de início, sua distribuição quanto ao gênero e à idade, sua duração e constância, seus desencadeantes, suas complicações, seu possível diagnóstico e como diferenciá-la dos quadros comuns da psicopatologia humana, como a histeria e as psicoses.

O estudo antropológico

Antropologia é a ciência que estuda a Humanidade e sua cultura no decurso de toda sua existência.

Na mediunidade, esse estudo seria extenso e curioso. Poderíamos começar com uma curiosidade: como ela teria se apresentado no homem primitivo, no seio daquele grupo de humanos que viviam nas cavernas? Qualquer informação sugerida hoje será, obviamente, meramente especulativa. Podemos conjecturar, porém, que a espiritualidade esteve ali presente, acompanhando, atuando e interferindo na extensa jornada humana nesse planeta.

Podemos perguntar, também, quanto esse contato espiritual atuou na criação das crenças, dos rituais, dos valores morais e éticos, na cultura dos diversos povos que floresceram e desapareceram nos núcleos humanos que povoavam o planeta.

Por outro lado, seria interessante nos determos no contexto cultural que podemos apreciar diretamente ainda hoje em diversas regiões da Terra. Na velha Índia, por exemplo, floresce um caldeirão de fenômenos inesgotáveis.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, pesquisadores trabalham rotulando fenômenos paranormais de diversos tipos. No Brasil, especialmente rico na sua mística regional, existe um gigantesco laboratório de expressões mediúnicas de diversificada apresentação; qualquer um pode testemunhá-los nos Centros Espíritas, nos terreiros de Umbanda, nos cultos protestantes, nas benzedeiras e nos “santuários” de cirurgia espiritual, onde podemos verificar uma intensa movimentação entre “nosso mundo” e a população de Espíritos que nos influencia, acode e orienta continuamente.

Podemos constatar, então, que na cultura dos diversos povos a clínica da mediunidade varia de lugar para lugar.

Deve-se lembrar que essa diversidade ocorre, também, na emotividade de cada povo, nas suas personalidades particularizadas, nas suas criações artísticas e até nas manifestações das suas doenças mentais.

Como se inicia a mediunidade?

O início da mediunidade pode ser lento, trabalhoso, contraditório, confuso, duvidoso, exigindo dedicação, conhecimento e muita disciplina para se confirmar diante de um mínimo de manifestações comportamentais se elas justificam receber o rótulo de mediunidade. Na dúvida é melhor pedir orientação a um Centro Espírita de confiança – devemos iniciar sempre com uma triagem médica para não colocar a pessoa em risco.

Outras vezes, a mediunidade pode ter um começo tão explosivo quanto um quadro psicótico com alucinações perturbadoras, transtornos graves do comportamento e mudanças na personalidade.

Há alguma diferença entre o homem e a mulher médiums?

Apesar das características quase opostas tanto na personalidade como na sensibilidade emocional entre o homem e a mulher, a mediunidade faz pouca distinção de gênero.

Gêmeos idênticos são médiums idênticos?

Allan Kardec ensina em “O Livro dos Médiums” que a mediunidade se processa através do cérebro dos médiums, o que nos permite pressupor que cérebros iguais conviveriam com mediunidades iguais clinicamente. Tenho conhecimento de duas jovens irmãs gêmeas que são médiums – apesar de idênticas fisicamente, suas personalidades e suas mediunidades não são exatamente iguais. Espero poder conhecer novos gêmeos para saber se a personalidade seria mais influente que a semelhança física do cérebro de cada um.

Características da mediunidade a partir da infância

A idade é um fator marcante na mediunidade, os livros dão destaques particulares para cada idade.

A vidência é prevalente na criança e nos idosos; os fenômenos de efeitos físicos no adolescente; a escrita psicográfica e a fala mediúnica no adulto.

O ambiente interfere no fenômeno?

Condições ambientais interferem fortemente na mediunidade.

O que mais favorece a riqueza dos fenômenos mediúnicos são, reconhecidamente, os seguintes fatores: uma sala fechada, ambiente silencioso, levemente frio, grupo de pessoas com certa homogeneidade e vínculos afetivos, um ritual organizado e sistematizado, aprendido em diversos encontros desse mesmo grupo, sugerindo um comportamento disciplinado e condicionado.

A personalidade do médium é muito importante?

A personalidade sensível, introvertida e feminina, talvez indicando mais facilidade de submissão, permitiria mais acesso para abordagem e domínio das entidades espirituais.

Mediunidade é doença?

Existem perguntas difíceis, e essa é uma delas, mas um estudo clínico sério pode responder e esclarecer.

A mediunidade é uma doença? As doenças mentais são de alguma forma estados mediúnicos? A mediunidade, clinicamente, é passível de mistificação?

Doença é uma perturbação no bem-estar físico, psíquico, social e espiritual do indivíduo. Sendo assim, pode-se, com o máximo de cuidado ético e respeito ao médium, considerar que certas manifestações clínicas da mediunidade podem ser tidas como “doença”, especialmente naqueles momentos em que sua presença perturba o indivíduo na sua homeostase física e psíquica.

Não devemos considerar o médium, enquanto pessoa, como um doente, nem podemos correr o risco de reeditar o atraso da Idade Média quando possíveis médiuns foram levados à fogueira da inquisição.

Nessa época os fenômenos de possível natureza mediúnica eram atribuídos a manifestações demoníacas; esse nível de ignorância é que jamais pode ser aceito nos nossos dias.

A mediunidade, mais particularmente, o fenômeno mediúnic, pode ser de tal forma florido em sua clínica que se confunde com vários transtornos mentais. O difícil é o seu diagnóstico correto.

A Mediunidade e os transtornos mentais

As doenças mentais são fragilidades da Alma e, por isso, facilitadoras da atuação compartilhada de Espíritos. Escancaram as portas para a obsessão. São irmãos nossos comprometidos com a ignorância, quase sempre perturbadores, querelantes e exigentes de direitos que cobram do paciente perturbado mentalmente. Esse quadro, extremamente comum, constitui uma associação clínica simbiótica de muita gravidade. Acredito que na Esquizofrenia, na Bipolaridade e nas Paranoias diversas ocorre uma frequente troca ambivalente entre o orgânico e o espiritual. A associação entre a doença mental e uma perturbação espiritual é, a meu ver, a regra na psicopatologia humana.

O médium pode mistificar? Fazer por conta própria o que diz ser de um Espírito?

O que é *mistificação*?

Diga-se de passagem que ela é um fenômeno tão corriqueiro na mente humana que sempre deve ser considerada nas avaliações clínicas da mediunidade. Assim como um médico bem treinado percebe um quadro histérico numa mulher que mistifica uma paralisia, um doutrinador espírita deverá adquirir experiência para saber detectar o que é animismo, o que é mediunidade e onde começa a mistificação. Nem por isso o médium deve ser condenado ou exorcizado. Quero repetir: mistificar é uma atitude comum no ser humano – até uma criança sabe fingir que gostou da camisa vermelha que aquela tia trouxe de presente de aniversário.

Mediunidade e sua neurofisiologia

Uma interpretação biológica, psicológica e sua transcendência espiritual

Introdução

Existem dois campos paralelos nos quais ocorrem os fenômenos mediúnicos. São, na verdade, dois universos distintos, dois ambientes inter-relacionados onde a fenomenologia se desenrola. Um deles se situa do nosso lado: é o “universo dos fenômenos físicos” que compartilhamos no dia-a-dia, fenômenos que ocorrem dentro de nós ou fora, no contexto do ambiente onde frequentamos. Está chovendo, saí sem qualquer proteção, molhei-me todo e à tarde meu corpo arde em febre. O outro é o “universo espiritual” que nos envolve sutilmente sem nos darmos conta da sua presença. Aí se processam múltiplos acontecimentos a que nossa visão carnal não tem acesso, mas é onde habitam os Espíritos que compartilham conosco as boas e más ocorrências desta vida.

Como estudar a Mediunidade?

Sem a ajuda e as instruções dos Espíritos desencarnados, qualquer um de nós só pode falar de uma mediunidade “caolha”, observando apenas um lado, já que temos informações de fenômenos que observamos somente quando eles se manifestam no nosso universo físico.

Preciso lembrar que Allan Kardec codificou a Doutrina Espírita recebendo da espiritualidade os ensinamentos básicos sobre a mediunidade. Posteriormente, suas informações foram ampliadas com as obras de André Luiz. Estão ali, nos textos desses dois autores, as informações de “padrão ouro” que meu estudo não pretende modificar nem uma vírgula sequer.

Dito isso, quero anotar que o texto que aqui será exposto só tem valor especulativo, por me posicionar como um observador sem a visualização do universo espiritual de onde os Espíritos nos alcançam. É apenas uma contribuição complementar às obras de Kardec e André Luiz.

Mediunidade em quatro abordagens

Vamos estudar quatro aspectos da mediunidade. É preciso deixar claro que termos novos que eu possa usar só terão valor didático, para facilitar a compreensão. Insisto que estão em Allan Kardec as boas lições das quais não podemos esquecer nem deixar de estudar.

Os quatro capítulos a que me refiro são:

- A clínica da mediunidade.
- A psicologia da mediunidade.
- A biologia da mediunidade.
- A transcendência da mediunidade.

O que é um quadro clínico?

Quase todo mundo já esteve num consultório e percebeu que o médico começa a nos entrevistar para conhecer nosso quadro clínico. Isso antes de qualquer exame, antes mesmo do famoso exame clínico, quando ele examina nosso corpo.

Um paciente idoso está com febre, arrepios e dor quando urina. Esse quadro clínico pode sugerir uma infecção urinária, coisa comum em idosos.

Agora é uma criança que vai deitar com febre alta, piora muito rapidamente, vomita e fica prostrada. Levada ao hospital diz que a cabeça dói muito. Seu médico precisa providenciar rapidamente exames para confirmar meningite. Esse quadro em crianças é gravíssimo.

Depois chega uma jovem assustada, desesperada, que respira mal, sente-se sufocada, dá a impressão de morte iminente. Apesar de toda agitação, o médico plantonista aplica um sedativo leve e acalma os familiares afirmando que se trata de um quadro clássico de síndrome do pânico.

Estão aí três quadros clínicos de fácil reconhecimento. A sua forma de apresentação no idoso, na criança e na jovem é reconhecida

facilmente por qualquer médico experiente. Vamos concluir que existem quadros clínicos típicos para cada idade, com uma apresentação particular mais ou menos característica e são essas particularidades que vão enriquecendo o conhecimento médico.

O que é um quadro psicológico?

Quando estamos falando em aspectos psicológicos, a que estamos nos referindo?

Trata-se do estudo de dois tópicos: da nossa atividade mental e do nosso comportamento. Por atividade mental se entende, por exemplo, o nosso pensamento, o raciocínio, o juízo, a atenção, a linguagem, a consciência e nossa constelação de emoções.

Nossos comportamentos existem a partir de uma atividade mental que o determina ou lhe sucede. Decido ler um livro – me levanto e vou até minha biblioteca. Quero falar com minha filha – tenho de me levantar e ligar seu número no telefone. Preciso ir ao quintal levar uma comidinha para meus gatos, e assim o faço.

Vamos analisar outros exemplos

Uma criança chuta sua bola que quebra a vidraça do vizinho. Isso é um comportamento antissocial. A pobre criança sai correndo tremendamente assustada e trêmula. Essa é sua resposta emocional, que ela vivencia com grande sofrimento psíquico. É um determinado comportamento que gerou uma forte resposta psicológica emocional.

Existe uma psicologia específica do adolescente que todo mundo conhece. São rebeldes, desobedientes, arrojados, não temem correr riscos e ambicionam grandes conquistas, quase sempre por imitação aos seus ídolos. É o psiquismo determinando comportamentos apropriados para a idade.

Há um comportamento psicológico que se destaca na mulher, na fase pré-menstrual, quando ela se torna extremamente emotiva, e é assim, também, na menopausa, nos meses iniciais da gravidez, no pós-parto imediato.

O homem também não escapa de suas expressões psicológicas próprias. O solteirão galanteador, o marido rígido e autoritário, o ricoço esnobe.

Há uma relação nítida entre a personalidade e o comportamento psicológico. Certas pessoas são extrovertidas, outras tímidas, outra é impulsiva, reage sem pensar, e outra ainda, é insegura, sugestionável e se deixa levar pela opinião dos outros.

A reação psicológica da pessoa humana é um acontecimento conhecido porque todos nós a apresentamos e é tão típica que cada um de nós passa a ser conhecido pelas reações que apresenta em sociedade ou na família na qual vive.

Tudo isso daqui para frente nós vamos identificar nos médiuns que vamos estudar. Afinal, eles também são humanos e a mediunidade não é uma propriedade extraterrestre, ela é 100% humana.

O que é um quadro biológico?

O que se entende como biologia do comportamento?

É o estudo do que se passa no cérebro durante um determinado comportamento. Falo ao telefone, por exemplo, o que ocorre nesse instante, nos neurônios, nos núcleos cinzentos da base do crânio, nos sistemas motores, sensitivos ou nas áreas da linguagem.

Vamos a um comportamento prático: acabo de abrir meu notebook erguendo uma de suas partes. Vejo o teclado, aperto a tecla que inicia sua atividade e daqui a pouco posso digitar meu texto. Quero saber o que se passou em meu cérebro em cada um dos passos que dei.

Abri o notebook realizando o que chamamos de um ato motor voluntário. Tenho no meu cérebro uma área motora na região frontal que realiza esse gesto. Quero pegar um lápis para escrever, chutar uma bola, abrir a boca, atirar uma pedra, dar um salto, dar um “tchauzinho”, afinal, tudo que faço por decisão espontânea agindo com meus músculos é um ato motor voluntário que ocorre por ação da área frontal motora (Área 4 de Brodmann).

No meu notebook dirigi o foco da minha atenção para a tecla de ligar – também é uma atividade frontal nas suas regiões mais anteriores.

Em seguida passei a digitar; a cada ideia que me surgia eu teclava letra por letra, rapidamente, construindo um texto. Para isso estou bem treinado e o faço automaticamente. Esse é o termo mágico, estou digitando com meu “sistema motor automático”. Ele se situa, predominantemente, em “núcleos” situados na profundidade do cérebro e são conhecidos como “núcleos ou gânglios da base”.

Vários dos meus comportamentos motores se tornaram automáticos: quando caminho apressado, quando mastigo, quando falo, quando escrevo rapidamente, quando ando de bicicleta, quando jogo tênis, quando vou nadar na piscina – depois de aprendido, eles se automatizam.

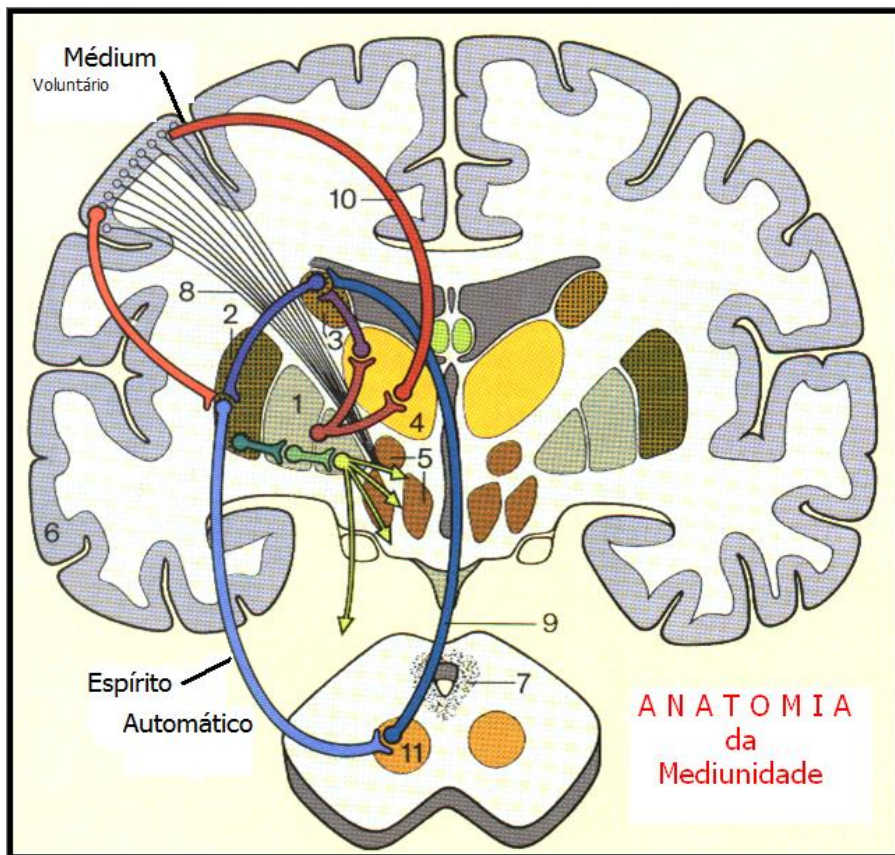
Ao estudar o processo de psicografia na mediunidade poderemos constatar esse mesmo desenrolar de atividade motora, estando o médium senhor dos atos voluntários ao pegar sua caneta, enquanto o Espírito comunicante mobiliza os recursos dos automatismos motores fazendo uma escrita rápida e mecanizada – automatizando sua escrita.

O que vem a ser a transcendência na mediunidade?

Usamos esse termo para levar em consideração o mundo espiritual. É de lá que vêm a mensagem, a comunicação, a informação espiritual, a aproximação, a presença ou a ausência do fenômeno. Nesse outro lado da vida, a direção, o domínio, a vontade, a iniciativa pertencem aos Espíritos, e nós só saberemos “indiretamente” o que se passa ali. Nossos sentidos físicos são opacos a essa dimensão. O que ficamos sabendo é de alguma forma relatado por eles, os Espíritos que conosco se comunicam.

A biologia da mediunidade

Nesse estudo sobre a **relação entre o cérebro e a mediunidade** vamos iniciar com algumas noções da anatomia das áreas que participam do fenômeno mediúnico. Devo insistir que essas informações não expressam senão minha opinião, não podendo ser consideradas como uma verdade espírita. *(Veja quadro na pág. seguinte.)*



A alça superior se refere à atividade motora voluntária, de iniciativa do MEDIUM e a alça inferior realiza os movimentos automáticos onde o ESPÍRITO pode atuar com melhor desenvoltura.

Área da Atividade Motora Voluntária

Ela corresponde à área 4 de Brodmann situada no lobo frontal, constituída pelas ***células gigantes piramidais***. Esses neurônios enviam seus enormes prolongamentos para a medula espinhal onde fazem ligações com um segundo grupo de neurônios situados em nossa medula espinhal que se dirigem diretamente aos músculos, produzindo neles um efeito de contração. Portanto, teoricamente, quando decido pegar um lápis para escrever, estarei usando dois neurônios – o piramidal que se situa na área 4 no lobo frontal e o segundo neurônio (motor) na medula espinhal. Pelo meu comando voluntário, os músculos da mão são contraídos com a determinação desses dois neurônios e posso prender o lápis em minha mão.

Área de Atividade Motora Automática

Imaginem que estamos almoçando juntos. Inicio cortando um pedaço do meu bife, começo a mastigá-lo e, ao mesmo tempo, você me interpela sobre como foi meu dia hoje. Enquanto vou lhe descrevendo meu dia, vamos trocando impressões sobre os acontecimentos desse dia e continuarei cortando o bife, mastigando e deglutindo sem interromper nossa conversa. Está aí um conjunto de atos automáticos: cortar o bife, colocar na boca, mastigar, deglutir e continuar conversando. Tudo isso é feito sem grande esforço, já que automatizei todos esses comportamentos motores.

Para automatizar um ato motor eu passo primeiro por uma fase de aprendizado – por exemplo, para aprender a dirigir um automóvel, ou tocar um violão. Depois de exercitar muito, posso dirigir o carro ou tocar o violão automaticamente.

Na mediunidade isso também ocorre: passamos por uma fase de exercícios, aprendizado, de desenvolvimento, que na verdade é um treinamento motor, o qual nos permitirá, depois, automatizar os gestos da escrita mediúcnica. Anatomicamente, nossa atividade motora automática é determinada pela atividade de neurônios situados principalmente nos núcleos da base.

Áreas da visão

Estão situadas na parte posterior do cérebro, na região occipital. O importante é sabermos que o estímulo luminoso refletido por um

objeto qualquer atinge nossa retina, penetra pelos nervos ópticos, segue por vias nervosas dentro do cérebro, sendo orientado até aos lobos occipitais onde a imagem sofre um tratamento que codifica cores, forma, movimento, localização no espaço e associação com nosso histórico de experiências anteriores relacionadas com o objeto visto.

Suponha que estamos vendo um passarinho cantando numa árvore aqui perto. Utilizando vários giros do nosso cérebro, identificamos sua forma, sua localização, suas cores e a possibilidade de já termos visto um passarinho igual. Sendo assim, as nossas imagens são uma criação complexa que produz uma imagem construída com o concurso de vários segmentos do nosso cérebro. Podemos afirmar que o que vemos é na verdade pura “imaginação” ou, melhor dizendo, uma interpretação que cada um faz com os conhecimentos que tem. É por isso que, a partir do que já conheço, posso afirmar com certeza que é um sabiá o passarinho que estou vendo cantando no galho próximo.

No médium vidente, ele processa as imagens por meio do seu cérebro; então, ele fará do mesmo jeito uma “imaginação”. Na verdade, esse termo é perigoso porque pode sugerir que a imagem seja montada falsamente, mas não é. Ela é “construída” mentalmente a partir de experiências visuais prévias de que dispõe o médium. Sem querer ser jocoso, vamos a um exemplo: imaginem que um Espírito nos traga para ver o último modelo de Smartphone lançado na espiritualidade. Ponha-se no lugar do médium e tente descrevê-lo; cada um dará a sua versão. Ocorre assim numa reunião espírita: cada médium fará sua própria imaginação, dará ao que vê sua própria interpretação.

Outro bom exemplo é o caso de uma excursão com os alunos. Iremos passear na floresta. Ali estão alunos mais arrojados, outros mais tímidos, os prolixos e exagerados, e finalmente os medrosos. A professora colherá relatos visuais com o colorido da personalidade que interfere na interpretação de cada aluno. Esqueci-me de dizer que entre os alunos nós temos um indiozinho, acostumado com o cenário da floresta e esse nos fará a melhor descrição do que realmente foi visto na excursão dos alunos. Vamos transpor essa excursão para um grupo de médiuns levados a uma colônia na espiritualidade. Cada um voltará com seu relato particular. Isso torna a informação mediúcnica menos confiável? Não! Nosso mundo

funciona assim e nossa inteligência vai aprendendo a selecionar o que mais coaduna com a realidade.

O cerebelo

O cerebelo, que significa cérebro pequeno, está situado na parte de trás do cérebro. Enfiar a linha na agulha ou alinhar as letras na linha da página exige coordenação dos movimentos. Andar em linha reta e desviar de cada obstáculo exige equilíbrio. É o cerebelo que nos favorece ter coordenação e equilíbrio. Ele tem ligação direta com aquelas áreas motoras do lobo frontal que já conhecemos. Com isso ele dirige todos nossos gestos motores. O cerebelo nos faz lembrar o papel do antigo “charreteiro”: mesmo sentado atrás, ele detém as rédeas que controlam o cavalo, determinando direção, velocidade e impulsos.

Glândula Pineal

Essa glândula adquiriu no meio espírita certo ar de importância compatível com o terceiro olho das doutrinas indianas. Não quero ser uma voz dissonante, e preciso por isso me cuidar para não produzir confusão a um tema tão simpático a nós espíritas. Antes, porém, preciso me posicionar como neurologista e resumir o que se aceita como função da pineal no organismo humano. Ela produz um hormônio clareador da pele chamado melatonina. A luz bloqueia sua produção, portanto, seu nível só aumenta em ambientes escuros: à noite, quando fechamos os olhos, quando apagamos as luzes, quando penetramos uma caverna escura ou mergulhamos na profundidade dos rios. Dei esses exemplos para lembrarmos que os antigos monges meditavam na escuridão das cavernas e um conhecido peixe dos nossos rios, o bagre, é bem escuro quando vive nas superfícies dos rios e torna-se esbranquiçado quando migra para as profundidades; a melatonina produzida na escuridão dos rios clareia a sua pele.

A melatonina exerce, também, um efeito tranquilizante. Ela provoca sonolência, ela pode produzir um relaxamento de tal monta que nos levaria ao êxtase. Percebe-se assim que a pineal tem relação direta com os mecanismos do nosso sono. Muita gente usa esse hormônio para combater a insônia.

Além do que já foi dito, a glândula pineal relaciona-se com o desenvolvimento da sexualidade. Ela é inibidora da rotina cíclica da atividade sexual. Nos períodos do inverno o urso se acomoda para hibernar dentro de cavernas escuras onde a pineal aumenta sua produção, levando à sonolência e inibição dos desejos de acasalamento.

A Pineal em André Luiz

Quando André Luiz escreveu seu primeiro livro, *Nosso Lar*, que foi prefaciado por Emmanuel em 3 de outubro de 1943, ele revelou uma atuação extraordinária da glândula pineal em toda a fenomenologia mediúnica. Por mais entusiasta que sejamos, nesses últimos 70 anos a neurologia não conseguiu acrescentar uma só vírgula que possa corroborar o que foi ensinado por André Luiz nos seus diversos livros. Para mim, isso não tem nada de estranho, já que é ele e não nós quem tem acesso ao universo espiritual que nós não enxergamos. Além disso, no momento, não dispomos de nenhum instrumento de observação direta desse outro lado da vida, a não ser os próprios médiuns, que estão sempre perscrutando esse ambiente. A partir da Terra não podemos registrar o que se passa na pineal, o que é diferente quando ela é vista a partir da espiritualidade.

Estudando a mediunidade do ponto de vista neurológico

Esse é um resumo de um estudo neurológico da mediunidade. Seu valor é limitado, por se tratar de uma opinião pessoal.

O que ocorre no cérebro durante a psicografia?

O médium toma de sua caneta para escrever. Esse é um ato voluntário que usa a área motora do seu lobo frontal esquerdo. A seguir, começa a escrever e a escrita vai se tornando automática, cada vez mais rápida. É aí que o Espírito comunicante tem mais facilidade de enxertar suas ideias. Já foi feita a sintonia, o Espírito planta, propõe, emite suas sugestões. O médium, inconscientemente, inicia sua aceitação e se deixa dominar cada vez mais pelo pensamento do Espírito. Está completa a mensagem. Essa fase de atuação espiritual se processa com os recursos (subscientes) dos núcleos da base que fazem a escrita automática em todos nós.

Os dois circuitos de neurônios – os frontais (voluntários) e os basais (automáticos) – têm independência relativa, um e outro se misturam, se confundem em determinado ponto da atividade. A mediunidade é parceria, ambos estão escrevendo. O Espírito é um agente indutor como aparelhos elétricos ligados um na proximidade do outro, produzindo “interferência”, “indução” na linguagem da física, ou “sugestionando” na expressão da psicologia cognitiva, ou condicionando na experiência fisiológica pavloviana, ou “envolvendo” no contexto da Gestalt, ou “transferindo” na linguagem psicanalítica freudiana.

E quando o médium vê um Espírito, o que está se passando no cérebro?

Quando olhamos um passarinho no jardim, a luz que ele reflete atinge nossa retina e um impulso nervoso leva essa imagem até as regiões occipitais do cérebro. Ali é distribuída para outras regiões que registrarão a cor, o movimento e a localização no espaço. Essas informações, a seguir, serão associadas a outras experiências visuais semelhantes que já tivemos no passado. A imagem agora poderá ganhar significado. É um passarinho, está vivo, se

movimenta, acaba de pular no galho de flores, amarelo, já sei que é o mesmo bem-te-vi que está sempre por aqui. Agora vou ao laboratório de engenharia elétrica de uma faculdade; é minha primeira visita. Ali pude ver vários equipamentos, aparelhos estranhos. Alguns me pareciam ser nada mais que uma televisão – aprendi que era um osciloscópio.

A visão de Espíritos não é feita com vibrações luminosas. Ela não precisa passar pela retina; ela implica a combinação de fluidos, é um processo completamente diferente da visão terrena. A única coisa que permanece mais ou menos igual é a representação que fazemos da imagem vista, a interpretação que damos ao que é visto, e essa composição sofre tremenda influência da mente do Espírito que, de certa maneira, pode nos fazer “ver” exatamente o que ele quer que o médium veja.

Aspectos psicológicos da Mediunidade - 1

A dinâmica do psiquismo humano e sua complexidade

Mediunidade é intercâmbio, é comunicação entre dois planos da vida, informação, transmissão de mensagens. Ela implica assumir comportamentos adequados, atitudes apropriadas, capacidade de emitir e receber uma informação. É um processo que compromete o cérebro e a mente de um emissor e um receptor. É essa dualidade complexa que vamos estudar.

Talvez um relato fictício possa ilustrar o grau de complexidade que essa comunicação envolve:

Seu José Tolentino, fazendeiro em Goiás, tem dois filhos que acabam de completar a maioridade. Ambos foram estudar fora. Genildo, menino estudioso, pretende ser doutor, foi interno do seminário. O outro filho, Joseval, tem um temperamento forte e agressivo, quer ser poderoso e rico, foi para colégio militar. É óbvio que o regime disciplinar de cada um deles é completamente diferente e o tipo de censura interna implica em selecionar o que o pai envia para eles. Todo mês um funcionário da fazenda leva a correspondência e as “encomendas” que seu Tolentino prepara para os filhos. Cada um tem suas próprias necessidades. Na portaria do colégio militar, quem recepciona é um soldado de temperamento rígido que sempre inspeciona o conteúdo dos pacotes que chegam

da fazenda, bisbilhotando cada uma das mercadorias e censurando as cartas. No seminário, é um regente de disciplina que atende, e, mesmo demonstrando delicadeza de gestos, não deixa de fazer sua triagem nas coisas que podem ou não ser aceitas no seminário.

Essa é a complexidade do intercâmbio humano em qualquer ambiente.

A produção do fenômeno mediúnicos sofrerá interferências humanas dessa mesma complexidade – do ambiente, da disciplina ali implantada, da personalidade do médium, do grau de censura que foi imposto, da interferência da autoridade humana ali dominante. Essas circunstâncias atuam, ora como obstáculos, ora como facilitadoras desses fenômenos.

Aspectos psicológicos da Mediunidade -2

A Dinâmica Espiritual

Informação é um fenômeno já aceito no meio científico como uma forma de energia. A mediunidade é uma transmissão de informação de um universo espiritual para um universo físico. Deve como emissora e receptora de informação estar sujeita às Leis que controlam a emissão e a recepção dessa energia.

Ela sofre desgaste, do tipo “atrito”, como faz um fio de transmissão elétrica que cria resistência devido ao material de que é feito. Sofre as interferências da presença de outro “agente” emissor de energia mediúnica, aumentando, diminuindo ou perturbando suas transmissões. Pode ser controlada, direcionada, ampliada ou bloqueada por ação de terceiros. Basta lembrarmos o ambiente de uma reunião espírita na presença de um doutrinador, de vários médiuns em desenvolvimento heterogêneo e toda disciplina aplicada nessa reunião.

Quais seriam, então, os fenômenos psíquicos observados na apresentação da manifestação tradicional da mediunidade, no ambiente de um centro espírita?

Sintonia: estar no mesmo tom do outro (médium e entidade comunicante).

Sugestão: é acreditar no outro (não recusar as ideias que o Espírito procura sugerir ao médium).

Condicionamento: é sinônimo de disciplina. Toda reunião precisa estabelecer uma rotina de procedimentos que todos se empenham em cumprir: horário das reuniões, lugares onde cada um se senta, introduzir a oração que dá início à reunião, leitura de página do evangelho para meditação e finalizar com a palavra de agradecimento do dirigente.

Assimilação: é aprender com o outro, é ter humildade para aproveitar as lições da espiritualidade, inclusive, dos Espíritos perturbadores e dos menos letrados.

Aceitação: é aceitar o outro, é não permitir qualquer preconceito contra esse ou aquele Espírito. Aceitar é sinônimo de acolhimento carinhoso.

Aprendizado: é a aquisição de novos comportamentos, novos conhecimentos que correspondem a mudanças que ocorrem no cérebro (nas sinapses e nas árvores de dendritos). Ninguém sai o mesmo de uma reunião espírita. Todos sofrem modificações mais ou menos intensas na sua fisiologia cerebral. Os neurologistas confirmam isso em toda experiência humana. Precisamos é dirigir esse aprendizado rumo ao nosso crescimento espiritual. Aprender por aprender é fácil, aprender para fazer o bem é mais trabalhoso, exige nosso compromisso incondicional com o próximo.

Teoria da mente: perceber o outro, pensar o que o outro pensa, fazer (imitar) o que o outro faz, emocionar-se com os sentimentos do outro, sentir com o outro a dimensão do seu sofrimento, perceber a natureza das suas necessidades. Só assim saberemos ser solidários com o outro.

Automatismo psíquico: ao lado do automatismo motor, deixar fluir os pensamentos sem questionamentos, tentando definir de quem eles procedem.

Representações mentais: o que realmente vemos não é o que está lá fora, mas a imagem que construímos de conformidade com nossa experiência. É impositivo o estudo, desenvolver cada vez mais nossa

cultura, a fim de compreender melhor os quadros que a espiritualidade nos permite perceber.

A transcendência e a mediunidade

A mediunidade é um fenômeno de natureza física, psíquica e espiritual. Ela existe exatamente porque existe uma dimensão espiritual. O fenômeno mediúnicos é de lá para cá, e só os Espíritos mais evoluídos podem nos esclarecer a natureza dos acontecimentos que ocorrem durante o fenômeno mediúnicos. Nesse sentido, Allan Kardec e André Luiz nos esclarecem com uma fartura inesgotável de lições.

Da nossa parte precisamos compreender a mediunidade como sintonia espiritual, doação, altruísmo e disposição para o bem.

Estudando com exemplos clínicos

Descrição de Casos

“Surto alucinatório benigno na adolescência”

“Transtorno mental de origem mediúnica”

Caso 1 - Angélica

Menina de 14 anos, acompanhada da mãe, com fortes sinais de estar dopada por medicamentos antipsicóticos.

Inicialmente ela diz que não vai falar nada comigo porque os médicos não acreditam no que ela conta. Havia passado, naquela semana, por duas internações em hospital geral, onde foi dopada após ter destruído mobiliário do quarto, agredido a enfermagem e atirado objetos no seu médico.

Ela via, conversava com Espíritos, recebia recados, sentia suas presenças coladas ao seu corpo e sofria agressões produzidas por eles.

Foram feitos inúmeros relatos e eu consegui que a mãe os escrevesse fornecendo-me os tópicos principais do que via e sentia a menina.

Vou destacar alguns que me pareceram interessantes:

Ela ouve o choro de uma criança embaixo da janela do seu quarto. A criança chora à procura da sua mãe, que ela perdeu num acidente em que foram envolvidas.

No seu quarto ela já viu outras crianças que pediam o seu colo querendo brincar. Ela chega a me dizer que seu quarto às vezes parece um berçário.

Conversava com Espíritos aos quais chamava pelo nome.

Brincando na rua com os coleguinhas e o namorado, ela se escondia atrás de uma árvore e, quando encontrada, debatia-se em crise de choro, contando que um “homem” lhe batia no rosto com violência.

Perguntei quantas vezes ela já foi ameaçada ou agredida e o que ela fazia nessas situações.

Foi então que ela me fez um relato extremamente interessante, difícil de ser inventado por uma menina de 14 anos e, de certa maneira, inédito no meio espírita. Ela disse que inúmeras vezes foi ameaçada por entidades de aparência ameaçadora e que, nessas ocasiões, seu avô (desencarnado) aparecia com seu cachorrinho, assustando os agressores. É o primeiro relato que conheço de um animalzinho, no plano espiritual, ser utilizado para defesa de um encarnado.

As crises de desmaio, ela as atribuía às agressões violentas que sofria. Diz que lhe batiam até que ela desmaiasse. É por isso que, ao vê-los, ela se desespera e atira objetos para afastá-los. Alguns Espíritos, ela os percebe tão de perto que chega a confundir as batidas do coração e a respiração deles com a sua.

Caso 2 – S.M.

Menina de 12 anos. Sempre foi arredia, não conversa com seus professores, não verbaliza suas queixas e mal responde a chamada de classe. Aceita a ajuda dos colegas na hora das tarefas, do lanche e da brinquedoteca. Surpreendentemente “faz os melhores desenhos da classe nas aulas de educação artística”. Apesar do esforço familiar, de professores e da fonoaudióloga, não está alfabetizada.

Veio à consulta com o diagnóstico de autismo e surto psicótico. Isso porque seu quadro teve uma mudança espantosa nos últimos dois meses. Ela começou a ouvir vozes. Sofria agressões físicas, apanhava dos Espíritos que via. Eram homens, mulheres e crianças que a xingavam de burra, tonta, diziam palavrões e faziam comentários com conteúdo sensual sobre seu corpo.

Eles a fazem pedir brinquedos para o pai e depois a fazem quebrá-los.

A mãe diz que, frequentemente, a surpreende falando sozinha. Vê crianças no telhado, esqueleto no banheiro, um menino de metal no

seu quarto, que parecia não ter olhos. À noite, o incômodo era maior. Eles “ficavam enchendo o saco” e um deles passou a noite batendo os dedos na sua cama.

Tudo isso a fazia acordar agitada, chegando a quebrar coisas em casa e a agredir a própria mãe.

Durante a consulta ela interagia normalmente, mas, outras vezes, parecia debochar da nossa conversa, ria e falava coisas fora do contexto das perguntas. A meu pedido ela me trouxe desenhos que fez, confirmando ter certa habilidade, mas nenhum talento incomum.

Num dos seus retornos a mãe conta que ela passou a cantar e dançar sem parar. Agora pede que ela a leve aos bailes da cidade em que mora e se mostrou interessada em namorar um garoto negro da sua idade. A paciente é loirinha, muito branca e de olhos claros.

Diz que quando dança as músicas do “Tchan” e da “Gretchen” “eles” não a incomodam tanto.

Caso 3 - L. S.

“Surto alucinatório benigno na adolescência”

“Transtorno mental de origem mediúnica”

Menino de 14 anos. Chega à consulta com o boné abaixado, escondendo os olhos. Peço que o tire, seu olhar é fulminante. Parece que vai se levantar para se retirar da consulta. Percebe-se que a mãe está amedrontada. Ela passa a contar que no último mês seu filho está irreconhecível. Apresenta uma mudança assustadora no comportamento. Conversa sozinho; diz ser um jovem que nomeia. Pergunto a idade desse jovem; ele diz ser um pouco mais velho que ele. O intruso lhe dá ordens, diz ter outros amigos e que vão tomar conta da sua vida.

Conta a mãe que tudo teve início quando ele começou a ficar agressivo com ela, desmazelado, chegando a permitir que o cachorro da casa sujasse o seu quarto. Quando a mãe deu-lhe a ordem para recolher as fezes do animal, ele lhe respondeu violentamente. Ela insistiu e, na sequência dos desmandos, o ameaçou com uma cinta. Para espanto da mãe, ele se adiantou e disse, aos gritos, que ela

podia bater quanto quisesse, porque quem sofreria seria o garoto, LS, filho dela. Era nítido para a mãe que ele estava como que possuído por outra personalidade.

Caso 4

As alucinações do maestro

Seu João Lenhoso já tinha ultrapassado seus 70 anos, quando veio me consultar, devido a umas visões que vinha tendo nos últimos meses. Era maestro, exímio pianista. Toda tarde gostava de sentar-se ao seu piano, na sala de jantar, tocando músicas amenas, descansando do ritmo exigente da orquestra. De um momento para outro, começa a ver um casal que próximo à janela. Levantou-se para conferir, mas o casal desapareceu. Os dias passam, ele vê mais gente na janela. Sempre desaparecendo quando ele vai conferir quem é. Com o tempo, essas “pessoas” começam a entrar na sala, e em certas noites aparecem no seu quarto. O curioso é que a manifestação se manteve apenas visual. O Seu João nunca escutou qualquer palavra por parte dessas visões.

Depois que o atendi, pude acompanhá-lo por alguns anos e comecei a notar muitas mudanças nas imagens. Elas apareciam distorcidas, às vezes reduzidas em seu tamanho e era possível vê-las entrando em uma garrafa da sala.

Seis ou sete anos depois, Seu João estava apresentando um quadro declarado de demência e sua visão tinha sido inteiramente tomada pela catarata.

Esse quadro sugere dois problemas interessantes:

As doenças dos olhos, tipo catarata, podem produzir alucinações visuais. Não sei se com a riqueza de detalhes que Seu João via.

Em segundo lugar, ensina Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, que uma doença cerebral pode levar o paciente a ter visões retidas em seu próprio cérebro. Só não sei se de maneira crônica e tão prolongada como foi esse caso.

Contribuição ao pensamento espírita

(Opiniões pessoais do autor)

1 – Ao descrever as funções da pineal, a partir do plano espiritual, André Luiz (pelo médium Chico Xavier) nos revela outro paradigma fisiológico. Para mim, esse modelo de interação descrito por André Luiz introduz uma nova compreensão dos fenômenos de ação da mente sobre o cérebro.

2 - Sugeri o nome de “*fenômenos espírito-somáticos*” a um grupo de fenômenos em que a atuação do fluido mental (derivado do “fluido cósmico universal”, segundo Allan Kardec) tem papel preponderante, com particularidades que estão muito acima das limitações, por exemplo, dos neurotransmissores.

3 – Organismos inferiores, como uma bactéria, não precisam “renascer” bactéria. Seu material genético “espiritual” pode ser incorporado a outros seres vivos mais ou menos complexos. Afinal, nosso corpo físico transita carregando em suas vísceras, trilhões de micro-organismos.

4 – Creio que os centros de forças (chacras) atuariam no cérebro através de vias anatômicas (feixes nervosos) que os neurologistas chamam de “*sistemas difusos*” de atividade cerebral.

O chacra cerebral de localização frontal estaria ligado ao sistema dopaminérgico. O chacra coronário ao sistema endócrino, à pineal e ao eixo hipotálamo/hipofisário (hormônios).

Os chacras plexuais (plexos nervosos) laríngeo, gástrico, esplênico, genésico estariam ligados ao sistema nervoso autônomo (acetilcolina e noradrenalina).

5 – Para mim, a mediunidade é um automatismo cerebral complexo com a participação orquestrada de duas mentes interdependentes. Os núcleos da base e o lobo frontal seriam as principais áreas desses automatismos.

6 – André Luiz aponta a sintonia, o condicionamento, a aceitação e a sugestão como indispensáveis ao fenômeno mediúnico. Eu incluiria o aprendizado. Todo automatismo passa antes por um treinamento.

7 – Nos médiuns pintores, o aprendizado cria nos centros de automatismo cerebral (núcleos da base e região pré-frontal) um programa específico para a capacidade de pintar. O Espírito pintor traz pronta a tela, que é resgatada para o plano físico dentro desse programa automático. Como o PowerPoint, resgata as imagens da nossa câmara fotográfica. No que concerne à mistura das tintas e sua expressão na tela, deve ocorrer um fenômeno tipo mediunidade de “efeitos físicos”, que obriga a tinta a “obedecer” às misturas que a mente do pintor determinou.

8 - Diversas situações clínicas, como a histeria, a hipnose, a narcolepsia, o membro fantasma, a anorexia nervosa, podem expressar a existência de um “corpo mental” que obedece a uma fisiologia distinta da que ocorre com o corpo físico.

9 – Na literatura, a definição de mente costuma ser complexa, discordante e contraditória. Frequentemente é interpretada como sendo a própria consciência. André Luiz tem a mente como sinônimo de Espírito. Para mim, consciência é uma propriedade da mente, que nos permite identificar e interagir com o meio interno e externo que nos atinge. Essa propriedade vai se constituindo com a progressão da evolução dos seres vivos. Assim como um elemento simples como o oxigênio ou o carbono tem determinadas propriedades, esses mesmos elementos, à medida que se combinam compondo substâncias cada vez mais complexas, como, por exemplo, proteínas, se enriquecem com outro padrão de propriedades. A consciência implica, então, na aquisição de uma organização mais ampla e complexa de um mesmo elemento.

10 – Nossas memórias são eternas. No mundo físico, aprendemos que “nada se perde, tudo se transforma”. No mundo mental, pensamentos e ideias vibram para sempre.

11 – André Luiz ensina que o Espírito produz o pensamento e o transfere ao cérebro físico atuando sobre os corpúsculos de Nissl. A neurologia esclarece que esses corpúsculos correspondem ao retículo endoplasmático rugoso, que está encarregado de transcrever proteínas que participam da membrana celular e enzimas que

participam da química dos neurotransmissores. Parece, então, que podemos sugerir que o próprio Espírito tem em suas mãos o poder de construir o tipo de neurônio que lhe convém.

12 – A reencarnação não se processa numa trajetória linear. As ideias de “vidas sucessivas e o progresso constante do átomo ao arcanjo” parecem sugerir isso. Assim como ocorre em qualquer organismo vivo, onde, do ponto de vista material, o que interessa é levar adiante os seus genes, para o “Princípio Espiritual”, o que interessa é ocupar um corpo qualquer para viver. O próprio material genético já conquistado não nos deixaria retroceder. As aquisições são progressivas. Aptidões, habilidades, instintos e conhecimento estão aprimorando genes. A trajetória que eles vão seguir é ascendente, mas seguramente tortuosa.

13 – Acreditamos haver no cérebro a “via do bem-estar”, da mesma maneira que existe o circuito do estresse que nos faz reagir diante das agressões físicas ou psicológicas. Numa situação de perigo o cérebro põe todo um sistema de alerta que nos favorece a luta ou a fuga imediata. Esse processo mediado por cortisol e adrenalina é altamente destrutivo para o organismo. A reação de bem-estar que estamos propondo incluiria a pineal e centros talâmicos, como o núcleo accumbens ligado à sensação de recompensa. Os mediadores químicos seriam a melatonina e a dopamina.

Metaneurologia

Uma visão espiritual do cérebro

As novas áreas

O estudo de crânios fósseis está acumulando revelações surpreendentes sobre o cérebro de animais que viveram há milhões de anos. Essa nova especialidade, a neuropaleontologia, estuda pequenos sinais marcados no crânio desses animais. A expansão do cérebro com o uso predominante da mão direita, o aprimoramento da visão em detrimento do olfato, a capacidade de produzir ferramentas e o desenvolvimento das áreas da linguagem refletem no crânio mudanças em determinadas áreas que podemos observar mais tarde, milhares de anos depois. A partir dos anos setenta do século passado, os cientistas perceberam que poderiam estudar o cérebro visualizando seus mecanismos biológicos. Fenômenos tão complexos como a memória, a atenção e a linguagem são analisados, agora, a partir dos neurônios, suas sinapses, os neurotransmissores, as redes neurais e os sistemas modulares comprometidos com essas funções.

Foi criada assim a neurociência cognitiva, cujo propósito é revelar quais fenômenos biológicos acontecidos no cérebro estão relacionados a determinados fenômenos psicológicos.

Por outro lado, analisando comportamentos que ocorrem em animais de diversos níveis evolutivos, os estudiosos criaram a psicologia evolucionista e, quantificando a participação do patrimônio genético ligado a esses comportamentos, desenvolveu-se a genética comportamental.

O progresso nas neurociências está revelando funções cerebrais jamais suspeitadas. Até mesmo a espiritualidade, que se revela em matizes variados em cada um de nós, está sendo estudada cientificamente.

A neuroteologia vem identificando a atividade cerebral que se relaciona a esse tipo de sentimento.

Como estudar o cérebro

O cérebro trabalha mobilizando múltiplas funções, integrando-as e organizando-as dentro de um sistema hierarquizado. Um fenômeno simples como sentir o efeito da picada de uma agulha tem um local anatômico preciso numa região cerebral ligada à sensibilidade dolorosa, mas sua repercussão psicológica mobiliza diversas áreas. Por outro lado, funções complexas como a linguagem, o cálculo, a escrita, a memória e a tomada de decisões exigem, desde seu início, a integração de várias regiões anatômicas, e cada um desses procedimentos pode recrutar caminhos diversos para a sua execução.

A interpretação de cada um dos fenômenos cerebrais que conhecemos ainda exige o raciocínio reducionista usado pelo método científico. Numa determinada área cerebral que motiva nosso interesse, podemos estudar as vias de entrada e saída dos seus feixes de fibras nervosas e ampliar com o microscópio o estudo dos seus neurônios. O neurônio, por sua vez, nos revelará suas membranas, seus receptores e sua química que dispara a comunicação com seus milhares de vizinhos. A composição química dos neurotransmissores já está identificada em dezenas de substâncias que os compõem. Já temos métodos bioquímicos para identificar sua produção e distribuição em regiões particulares do cérebro. Conhecemos, por exemplo, por onde circula a serotonina, a noradrenalina e a dopamina em diversas regiões cerebrais.

No estudo das funções complexas, a que já nos referimos, podemos seguir, também, o caminho inverso. Agregamos funções de diversas áreas na tentativa de compreender toda a complexidade que envolve o fenômeno.

A memória e a linguagem são ótimos exemplos para exigir nossa reflexão sobre sua apresentação multiforme. O que nos faz lembrar e esquecer? Por que a criança expande tão rapidamente o seu vocabulário e o adulto tem enorme dificuldade em aprender uma segunda língua? Como conseguimos nos lembrar de um rosto familiar no meio de uma multidão?

As diversas áreas das neurociências estão, reconhecidamente, produzindo um avanço extraordinário na interpretação do cérebro e da mente, entretanto, ainda estão longe da fronteira final. A Física já

se consolidou com Teorias que funcionam muito bem no seu papel de explicar o mundo físico. A relação de identidade entre energia e matéria unificou princípios fundamentais entre essas Teorias. A Biologia já construiu seus fundamentos básicos ao descobrir a célula, a evolução das espécies e o DNA, mas a psicologia, pretendendo estudar a mente, só produziu até agora teorias provisórias e nenhuma com certificado de validade. Temos de reconhecer que ainda estamos longe de contar com uma Teoria unificadora para explicar mente. Quando escrevi sobre o “corpo mental”, tive a intenção de trazer para a neurologia estudo clínico que pode introduzir um novo paradigma no conhecimento da mente. Sem qualquer presunção estou chamando este conhecimento de metaneurologia.

As funções cerebrais

Vamos considerar aquelas funções cerebrais cujos mecanismos já estão razoavelmente conhecidos:

A visão de um objeto

A luz que reflete nesse objeto se projeta aos nossos olhos sinalizando os neurônios na retina. A partir daí o estímulo nervoso percorre vias anatômicas que levam este estímulo até ao córtex visual. Distribuídos em camadas concêntricas como uma casca de cebola, os neurônios codificam em áreas próximas, cada uma das particularidades do objeto a ser visualizado. Assim é que temos um local específico para ver a forma do objeto, outro local para ver sua cor e outro ainda para perceber seus movimentos. Esse objeto pode ser, por exemplo, a mão de alguém nos chamando. Depois disso temos pela frente um grande enigma: como o cérebro junta essas informações decompostas – a forma, a cor e o movimento, em um único objeto acompanhado do seu significado, ou seja, o reconhecimento de um objeto que nos é familiar ou não.

Vamos falar da memória

Todos sabem que temos uma memória de curto prazo, que nos serve para as resoluções do cotidiano. Qual meu compromisso hoje? O que acabo de ver na televisão? Quando minha mulher perguntou que horas eu disse que voltaria para casa? Temos também uma memória de longo prazo. Quem são meus pais, onde nasci e que remédio eu

uso para dor de cabeça. Essa memória pode ser resgatada parcialmente a partir de certo esforço. Podemos nos lembrar de cenas que vivenciamos na última viagem de férias. Outras vezes essa memória é traiçoeira e nos deixa na mão não nos permitindo lembrar o nome de um amigo. Estudos sistemáticos sobre o resgate de memória têm confirmado que todo relato de fatos memorizados está impregnado de imaginação. Podemos confirmar, também, que a gente não se lembra do que aconteceu, na verdade, lembramos do que pensamos ter acontecido. Os cientistas da mente estão usando a expressão “facção” para nomear essa mistura de fatos com ficção. E nossa memória é generosa em criar essa mistura explosiva.

A linguagem falada

Em 1867, Paul Broca confirmou que o giro frontal inferior do hemisfério esquerdo está relacionado com a emissão da linguagem falada e, alguns anos mais tarde o neurologista alemão Carl Wernicke (1848-1905) relacionou a compreensão da linguagem a uma área situada um pouco mais atrás, no lobo parietal esquerdo.

A partir daí, com acréscimos de eminentes neurologistas, como Pierre Marie, ficou delimitado um “quadrilátero”, com estruturas corticais e subcorticais relacionadas com nossa capacidade de revelar nosso pensamento pela linguagem falada e sermos compreendidos por quem nos ouve.

Depois dos trabalhos de Noam Chomsky, sabemos que a criança nasce com um módulo gramatical que lhe facilita aprender qualquer uma das línguas humanas. O estímulo do ambiente e a cultura de cada povo vão acrescentando o vocabulário que sedimenta na criança a língua materna.

A escrita

Atividades motoras simples, como estender a perna, podem ser realizadas com o reflexo patelar, envolvendo teoricamente dois neurônios: um para estimular o reflexo e outro para elaborar a resposta. Apertar a mão já exige certa dose de intencionalidade, e escrever um texto implica uma capacidade especial para se criar uma ideia, produzi-la em um texto com palavra e utilizar um instrumento como a caneta ou o computador para transcrevê-lo.

O diálogo humano

Manter uma conversação com um amigo que acaba de chegar vai nos obrigar a mobilizar uma série de ideias e transmiti-las em palavras. Esse amigo pode nos perguntar: Que carro você tem agora? Eu, quase que imediatamente, respondo: Um Honda Civic verde. Daí a pouco nós dois escutamos a voz de minha esposa fazendo a correção: – O Honda verde era o carro do ano passado, agora temos um Honda preto. Fui traído pela distração e pela falha da memória.

Os sonhos

A neurologia já nos esclareceu os ritmos em que transitamos durante o sono e alguns mecanismos químicos ligados a ele. Já foram identificados centros no hipotálamo que estimulam o lobo frontal nos mantendo acordados, e núcleos de neurônios que nos induzem ao sono. Sabemos, também, que durante alguns períodos de sono, os olhos se movimentam, revelando que neste instante estamos sonhando. Dormir e sonhar são indispensáveis à nossa própria sobrevivência. Conseguimos ficar mais tempo sem comer do que sem dormir. O sonhar está intimamente relacionado com a consolidação de memórias. A nossa véspera não será lembrada se não dormirmos e produzirmos sonhos, alguns deles ligados aos últimos momentos da festa que nos animava.

O estudo da mente

Grande parte da atividade cerebral é fácil de ser reconhecida e definida. Por exemplo, reflexos são respostas que o sistema nervoso produz reagindo a estímulos. Comportamentos podem ser reduzidos a um conjunto de atitudes. Emoção é um estado de humor. Quando vamos definir mente, não haverá termos competentes nem acordo entre os especialistas. Classicamente a mente é vista como um conjunto de funções complexas que inclui memória, percepção, linguagem, consciência e emoção. De qualquer maneira, a mente é produto de atividade complexa do cérebro.

O “corpo mental”

A neurologia entende que para todos os fenômenos psicológicos existe um substrato biológico que se revela na atividade cerebral.

Neurônios que se despolarizam, circuitos que se organizam em redes, áreas cerebrais que se especializam em movimentos e sensações, e regiões que se agrupam compondo funções mais ou menos complexas, construindo a memória e compondo a linguagem. A mente seria o resultado imanente dessa atividade complexa do cérebro. Sem o cérebro não existiria a mente.

Minha proposta sobre o “corpo mental” se baseia em evidências clínicas. Exemplos neurológicos sugerem a existência de um corpo que compõe, constrói e expressa os fenômenos da mente. Com a metaneurologia pretendemos sedimentar a ideia de que podemos investigar e acrescentar, paulatinamente, conhecimentos sobre a anatomia e a fisiologia desse “corpo mental”.

A neurologia conseguiu fragmentar diversas funções cerebrais. Sabemos, por exemplo, onde o cérebro decodifica as características físicas de um objeto, mas não sabemos como o cérebro faz a integração dessas informações. Como o cérebro integra nossas memórias para nos fornecer uma identidade única e permanente?

O “corpo mental” pode resolver todas essas questões. A investigação do que ocorre em quadros clínicos como na histeria, no transe sonambúlico, na narcolepsia, no membro fantasma, nos permite acreditar na existência de uma fisiologia específica desse “corpo mental”. Assim, podemos considerar que ele não se aprisiona nos limites do nosso corpo físico; não se restringe aos circuitos e vias da anatomia cerebral e circula por ambientes que transcendem a realidade física que conhecemos.

Funções do “corpo mental”

A visão

O olho humano registra o impulso luminoso que nos permite identificar os objetos à nossa volta. O “corpo mental” vê sem a necessidade de luz. Ele se apodera das propriedades dos objetos. Vamos considerar que estamos diante de uma moeda. Com nossos olhos vamos saber do seu tamanho, cor, forma, talvez a sua procedência e o seu valor. Vamos dizer que se trata de uma moeda do tempo do Império. Com o “corpo mental”, independente da luminosidade que clareia a moeda, vamos identificar, além das características físicas relatadas, que podemos registrar todos os

acontecimentos relacionados com esta moeda. O ambiente da sua fabricação e as mãos por onde ela foi negociada inúmeras vezes. O “corpo mental” registra os aspectos físicos e os eventos psicológicos a ela relacionados. O olho humano não é o instrumento de visão do “corpo mental”. Como o que ele detecta é a vibração dos corpos, os objetos são percebidos em qualquer parte do “corpo mental”, como, por exemplo, as pontas dos dedos que tocam esses objetos.

A linguagem falada

As capacidades para falar, ler e escrever estão intimamente inter-relacionadas. Para cada uma dessas funções, o cérebro usa um conjunto de módulos que se ligam por vias de associação. A criança aprende a falar ouvindo as pessoas à sua volta, aumentando progressivamente o seu vocabulário. Para ler e escrever ela terá que absorver o significado dos símbolos que representam as coisas e as ideias traduzidas em palavras. Existem quadros clínicos em pacientes neurológicos que ilustram didaticamente o comportamento dessas funções. Temos lesões capazes de produzir incapacidade para reconhecer as palavras – agnosia visual; para escrever – agrafia; para ler – dislexia, e para falar – afasia. No corpo mental essas capacidades estão ligadas à percepção do conteúdo mental das ideias, independente da forma como elas são expressas. Vamos agora considerar que estamos diante de um livro. Precisamos ler o livro todo para nos inteirarmos do seu conteúdo. Com o “corpo mental” nos apoderamos das ideias expressas no livro, dos eventos com ele relacionados e com seu autor.

A memória

O indivíduo comum é capaz de memorizar uma sequência de sete números, retém alguns telefones familiares, sabe o endereço de alguns amigos, lembra-se de seus nomes e é capaz de relatar o que fez nos últimos dias. Quando faz relatos de eventos antigos, como festas ou encontros com amigos, relata-os de maneira mais ou menos incompleta, ressaltando que alguns desses encontros ficaram mais marcados e são tidos como inesquecíveis. Cada um desses relatos, quando são confrontados com o testemunho de terceiros, tem sempre o colorido de outras versões mais ou menos enfáticas. Descrever uma festa de formatura tem tantas versões quanto o número de formandos. A memória de um computador nos permite abrir um texto já escrito e revisá-lo para corrigir ou acrescentar

detalhes. A memória do “corpo mental” nos permite abrir o cenário do ambiente vivido durante os acontecimentos que presenciamos. Ele nos permite reviver o passado como se o trouxéssemos para o presente. Vivenciando um fato por uma segunda vez, podemos acrescentar elementos que não nos tínhamos dado conta na primeira ocasião em que ocorreu. Um detetive poderia rever um assalto e dessa vez anotar a placa do carro que vira sair fugindo.

Os sonhos

O “corpo mental” não é prisioneiro do corpo físico e, durante o sono, ele tem possibilidade de se libertar mais ou menos parcialmente. A emancipação do “corpo mental” facilitada pelo sono põe o “corpo mental” diante de outras realidades que ele apreende conforme seu nível de conhecimento. Uma pessoa inexperiente colocada diante de um ambiente desconhecido perceberá muito pouco do que está presenciando. Sem experiência ficaremos totalmente perdidos na UTI de um hospital, no meio de uma mata fechada, no comando de um avião ou entre a multidão em um país estranho. E será assim que essas vivências terão de ser relatadas após passarem pelo filtro do cérebro físico. É esse o conteúdo extraordinário dos sonhos, uma percepção espiritual filtrada pelo cérebro físico. Vez por outra, em situações especiais, conseguiremos registrar uma cópia fiel de acontecimentos que vivenciamos sonhando, fixando-a com completa lucidez.

A mente

Temos como hipótese que a mente é uma entidade que se corporifica numa estrutura organizada que denominamos “corpo mental”. Esse corpo tem existência extracerebral e propriedades que se diferenciam das funções cerebrais conhecidas. A semiologia neurológica, analisando determinados quadros clínicos, pode revelar funções que confirmam claramente a existência do “corpo mental”. Podemos perceber que a fisiologia do “corpo mental” nos dá informações confiáveis que o situam para além do cérebro físico. Explorando suas memórias podemos reviver claramente o passado. Confirmamos que sua sensibilidade é afetada pela vibração das substâncias. Sua forma de percepção nos possibilita contato com o conteúdo e significado dos objetos, mais do que com a forma, e a linguagem se processa pela transmissão de ideias. O “corpo mental” inaugura um novo paradigma para a neurociência clínica.

Fenômenos psicofísicos de natureza espiritual

A doutrina espírita contém em seus fundamentos uma série de informações que nos permitem identificar uma “classe especial de fenômenos”, que sugerimos tratar-se de fenômenos “psicofísicos de natureza espiritual”. Correspondem ao processo de atuação da Alma no corpo físico.

É muito fácil reconhecemos os fenômenos da realidade física e da esfera psicológica que fazem parte de toda a nossa vida. Queremos, no entanto, pôr em destaque outra classe de fenômenos que só a atuação do Espírito é capaz de explicar.

No mundo físico conhecemos a natureza da matéria e os processos que regem seu movimento e suas combinações. No mundo psicológico identificamos os mecanismos inconscientes que impõem nossos comportamentos e aprisionam nossos desejos.

No domínio espiritual, a literatura, especialmente de Kardec, André Luiz e Emmanuel, já nos indicou mecanismos interessantes que atuam na interface corpo/alma.

O paradigma atual da Medicina, embora tenha esclarecido grande parte da anatomia e da fisiologia do organismo humano, não tem abrangência suficiente para perceber ou interpretar o complexo mecanismo de atuação do Espírito sobre o corpo. Essa será, possivelmente, a maior descoberta da Ciência.

Um modelo interessante para exemplificar a extensão dessa dificuldade é visto na glândula pineal. Conhecemos sua anatomia minúscula, sua relação com os ritmos biológicos, sua sensibilidade à luz, sua precária ligação com o cérebro, sua produção química modesta e sua expressão clínica pouco significativa.

É por isso que causam surpresa os relatos que nos chegaram da espiritualidade, apontando expressivas atividades da glândula pineal, que ultrapassam o que até hoje fomos capazes de constatar com nossos estudos macro ou microscópicos.

Precisamos deixar claro que o que enxergamos “do lado de cá” é apenas a expressão anátomo-funcional da glândula. Por não termos os instrumentos de acesso ao mundo espiritual, não sabemos como é que se processa sua atividade na interação cérebro/mente.

Podemos identificar as células da pineal e sua microestrutura, registrar suas trocas metabólicas, identificar as secreções dos humores e a transmissão dos influxos nervosos. Entretanto, no domínio da atividade espiritual, os possíveis componentes e o modo como atuam são ainda indetectáveis pelos nossos instrumentos. Extrapolar nosso conhecimento “daqui para lá” ainda permanece no campo da metafísica.

Não seria prudente imaginar que “por aqui” poderemos um dia conhecer toda a extensão desse fenômeno que chamamos de “psico/físico de natureza espiritual”. Pressupomos, de antemão, que “do lado de lá” a dinâmica espiritual do fenômeno é muito mais ampla e significativa do que nossa anatomia pode registrar.

Aprendemos com a Doutrina Espírita que existem três elementos fundamentais que direcionam a fisiologia dos processos orgânicos que nos condicionam a vida: o Espírito, o Perispírito e os Fluidos que intermedeiam a intercessão corpo/alma.

Parece-nos ser desnecessário anotar os detalhes já bem conhecidos dos três. Os livros básicos da Doutrina são suficientes. Nosso propósito será o de apontar alguns fenômenos que nos parecem ilustrativos para a apresentação da fisiologia metafísica que estamos interessados em estudar:

- A fixação do pensamento
- A coesão da população celular
- Os Centros de força
- A corrente sanguínea e a energia vital
- A glândula pineal e sua fisiologia espiritual
- A ectoplasmia
- A respiração restauradora.

Nossa sugestão é que fenômenos desse tipo sejam rotulados de “fenômenos Espírito-somáticos”. Seu estudo abrange uma grade de

fenômenos que pode nos levar a conhecer Leis gerais da fisiologia que integram o corpo à Alma.

A fixação do pensamento

A neurofisiologia sugere que o pensamento é um processo contínuo que se expressa na atividade dos neurônios do cérebro. Nossas ideias nascem a partir de estímulos externos que atingem os órgãos dos sentidos ou por mecanismos internos de percepção e memórias acumuladas no decorrer da vida.

O neurônio foi identificado como célula fundamental a partir do momento que técnicas de coloração permitiram o reconhecimento da sua estrutura. Quando Camillo Golgi em 1873 usou uma tintura de prata para corar o cérebro, foi possível perceber que alguns neurônios se impregnavam com essa coloração revelando o corpo celular e seus prolongamentos, inaugurando, a partir daí, uma revolução extraordinária no conhecimento do cérebro.

Nessa mesma época (final do século XIX), Franz Nissl conseguiu corar os neurônios com o violeta de cresil, descobrindo no citoplasma o amontoado de uma substância de aparência “tigroide” que ficou conhecida como “corpúsculos de Nissl”. Os estudos atuais revelaram que esses corpúsculos correspondem a uma estrutura membranosa denominada Retículo Endoplasmático Rugoso, que tem a função de construir proteínas dentro dos neurônios. Algumas dessas proteínas farão parte das membranas celulares e outras participarão de enzimas que atuam na produção de neurotransmissores.

A membrana que reveste os neurônios é formada por duas camadas de uma substância gordurosa fosfolipídica. Essa camada é impermeável, isolando o conteúdo interno dos neurônios dos fluidos extracelulares. Ela é, porém, interrompida por “portões” de proteínas que constroem os canais que permeabilizam as membranas. É através desses canais de constituição proteica que entram ou saem íons e substâncias que afetam a atividade dos neurônios (sódio, potássio, cálcio, neurotransmissores, tranquilizantes, antidepressivos e drogas como a cocaína, para citar exemplos mais conhecidos).

Por outro lado, as enzimas são indispensáveis para a produção dos neurotransmissores que realizam toda transmissão da informação entre os neurônios.

Pode-se depreender que os corpúsculos de Nissl, estando diretamente ligados à produção de proteínas, exercem um papel fundamental na fisiologia cerebral.

André Luiz, em psicografia de 1958 (*Evolução em Dois Mundos*), destacou a importância dos corpúsculos de Nissl, ensinando que ali a mente fixa seus propósitos transmitindo pelo pensamento as ideias que o Espírito projeta no cérebro. A partir das percepções dos sentidos, o Espírito renova suas ideias, projeta na rede de neurônios sua energia que resulta em pensamentos capazes de se adequarem no cérebro, produzindo nossos atos.

Um neurônio, em constante atividade, vai expandindo suas sinapses, fixando o aprendizado que a experiência vai lhe fornecendo. Em cada sinapse se ajustam os canais de transporte químicos, fundamentais à troca de informações entre os neurônios. Tanto esses canais, como os neurotransmissores, são construídos a partir de proteínas montadas, principalmente, dentro dos corpúsculos de Nissl. Portanto, afirmar que o Espírito exerce atuação direta nos corpúsculos de Nissl, como ensinou André Luiz, nos permite supor que é o Espírito que em última análise constrói o tipo de neurônios que estrutura o cérebro de cada um de nós.

A coesão da população celular

O organismo humano é formado por mais de 300 trilhões de células em constante renovação. Os diversos órgãos que o compõem estruturam-se em diferentes camadas de tecidos que reúnem células típicas e variadas. Temos em nosso corpo para mais de 250 tipos diferentes de células, incluindo os neurônios, as células da glia que sustentam o cérebro, os hepatócitos, as células musculares, as gordurosas, as epiteliais que revestem a pele e assim por diante.

A Ciência atribui ao programa impresso no genoma todo esse projeto de distribuição e organização do gigantesco universo celular que constrói nosso corpo. Falta-nos, entretanto, uma teoria adequada ao gigantismo dessa tarefa, já que só de neurônios temos dezenas de tipos morfológicos, num total de 100 bilhões de células, exigindo conexões sinápticas que ultrapassam a trilhões de ligações absolutamente precisas. Precisamos lembrar que no útero materno o embrião constrói 250 mil neurônios por minuto. Torna-se uma tarefa

espantosa para os poucos 33 mil genes que trazemos como patrimônio genético.

A doutrina espírita ensina que o molde que nos estrutura o corpo físico é função do perispírito que nos ajusta ao mundo espiritual. Estão nesse perispírito todos os traços que identificam nosso mundo mental. Entretanto, a feição física que aparentamos e os estigmas de doenças que nos marcam não se reproduzem como uma cópia fotográfica fiel do nosso perispírito. As pessoas de aparência simples, mas de Espírito nobre, irradiam uma tessitura espiritual que se sobressai diante das imagens de beleza a que a mídia costuma dar destaque, especialmente para o corpo feminino. A presença de deformidades físicas está ligada aos nossos méritos e necessidades, adequadas aos débitos pretéritos que acumulamos, mais do que à aparência do perispírito. Nem sempre os aleijões acompanharão o Espírito após a desencarnação.

Allan Kardec sugere que o conhecimento do perispírito tem muito a colaborar com a Medicina para esclarecimento de nossas doenças. Mas recorremos de novo a André Luiz para nos surpreendermos com suas revelações. Ele ensina que, pela atuação de nossa mente, mantemos coesos os trilhões de células que compõem o nosso corpo. Essa atividade dá às nossas atitudes uma responsabilidade enorme no compromisso que temos de zelar pelo nosso equilíbrio físico. Porém, as surpresas não param por aqui. André Luiz afirma que cada uma dessas células é um universo microscópico onde estagia o princípio inteligente, constituindo cada célula que abrigamos em nosso corpo uma unidade, com individualidade própria, sobre as quais temos imensa responsabilidade de sustentar e conservar. São “Almas” irmãs que, em estágio primitivo, percorrem conosco as lutas da vida física, emprestando ao Espírito humano a dádiva do seu metabolismo.

Os centros de força

A cultura milenar do Oriente registra em seus livros sagrados a existência de centros de força ou chacras, de localização constante no corpo espiritual de todos nós. Eles se localizam no cérebro e em plexos distribuídos pelo nosso corpo nas regiões da laringe, do coração, do estômago, do baço, do plexo celíaco relacionado com o trato digestivo e região genital.

São em número de dois, no cérebro: o chacra cerebral localizado na região frontal e o chacra coronário, nas regiões centrais do cérebro.

Os lobos frontais passaram por um processo extraordinário de expansão quando se iniciou a evolução do ser humano na Terra. O lobo frontal é a região que mais nos distingue do cérebro de um chimpanzé. Estão relacionados com nossos pensamentos abstratos, com nossa capacidade de classificar os objetos, de organizar nossos atos e programar nosso futuro. Sem o lobo frontal o homem se torna irresponsável, perde a capacidade de organizar as coisas num ambiente, deixa de se preocupar com os outros, pode se tornar jocoso e não percebe a gravidade da situação em que vive. É o lobo frontal o que mais nos torna humanos.

André Luiz nos diz que o Chacra Cerebral, de localização frontal nos permite estar em união com as esferas mais altas que direcionam nossos destinos na Terra. Através da oração, projetando a súplica piedosa ou o agradecimento sincero, mantemos contato com os seres sublimes que nos orientam e protegem.

Na região coronária podemos apontar três níveis estratificados anatomicamente. O córtex, os núcleos da base e o diencéfalo. O córtex cerebral da região coronária relaciona-se com a atividade motora que nos facilita os movimentos voluntários. Nos núcleos basais (tálamo, putâmem, globo pálido e caudado) são organizados nossos movimentos automáticos, que nos permitem realizar a respiração, a deglutição, a mastigação e a marcha, para citar exemplos fáceis de compreendermos. E, finalmente, o diencéfalo reúne um agrupamento de células que desempenham papel importantíssimo no controle de nossas funções metabólicas, intimamente associadas à nossa sobrevivência.

No hipotálamo, que compõe parte importante do diencéfalo, são produzidas dezenas de substâncias que controlam a atividade das nossas glândulas, funcionando como estimuladores da produção de hormônios na hipófise, na tireoide, na suprarrenal, nos ovários e nos testículos, entre tantas outras glândulas.

André Luiz ensina que no chacra coronário estão situadas as forças que mantêm em equilíbrio a atividade dos trilhões de células que obedecem ao nosso comando mental, mantendo a forma e as funções do nosso corpo físico.

Os milhares de anos que nos separam do espiritualismo oriental não trouxeram maiores esclarecimentos à Ciência Médica, que não consegue identificar em seus fundamentos qualquer sinal da existência dos chacras. Mesmo assim, convém considerarmos alguma hipótese para tentarmos relacionar os chacras com a atividade cerebral. É clássico estudarmos o cérebro em seus aspectos modulares destacando as funções motoras, sensoriais, linguagem, memória, cálculo, emoções, entre tantos outros. Essas atividades são processadas por circuitos limitados a uma determinada área cerebral. Existe, porém, outro arranjo funcional que a neurologia destaca como um conjunto de agrupamentos neurais que exercem sua ação de modo difuso, incluindo múltiplas vias neurais e suas áreas de repercussão. É o caso, por exemplo, dos sistemas de ativação ascendente que têm a propriedade de nos manter alertas ou em pleno sono.

De maneira simplificada, podemos considerar pelo menos três sistemas de atuação global, habitualmente rotulados de “sistemas modulatórios de projeção difusa”. O sistema hipotálamo-secrutor, o sistema neurovegetativo e o sistema de relação com neurotransmissores, como o dopaminérgico, o serotoninérgico e o noradrenérgico, estando os três fortemente relacionados com transtornos mentais diversos. São eles que, nesse artigo, queremos sugerir, com hipótese, estarem relacionados com os chacras cerebral e coronário.

Considerando os chacras que se expressam no cérebro, podemos notar sua coincidência com os “sistemas de atuação difusa”. No chacra frontal, predomina o sistema dopaminérgico responsável pela expressão do pensamento abstrato e inserção na realidade física.

Doenças como a epilepsia e as demências frontais levam a uma deterioração da mente desses pacientes, que se tornam completamente dissociados do mundo físico em que vivemos.

Na região do chacra coronário, vimos o significado do controle endócrino realizado pelo eixo diencéfalo-hipofisário.

Essa atividade glandular orquestrada é indispensável para a manutenção do nosso metabolismo, sem o qual a vida nos seria impossível.

A corrente sanguínea e a energia vital

É muito fácil aceitar a ideia de que nossa vida está intimamente ligada ao coração. Aristóteles afirmava que a Alma aí se localiza porque qualquer ferimento nele leva imediatamente à morte.

Nos dias de hoje, alunos do primário já aprendem que os batimentos do coração impulsionam o sangue pelas artérias, que depois se difundem pelos capilares e retorna pelas veias. Nesse retorno, o sangue passa pelos pulmões, de onde retira o oxigênio que a respiração fornece. Temos cerca de seis litros de sangue circulando pelo nosso corpo e mais ou menos vinte por cento dele vai para o cérebro. Enquanto entra pelas artérias e sai pelas veias, o sangue circula dentro do cérebro em exatos seis segundos.

Assim que ocorre a morte, as artérias do cadáver estão vazias, já que a última batida impulsiona todo sangue para as veias. Essa observação levou Galeno a sugerir que as artérias estariam sempre cheias de ar. Ele propunha, também, que circula junto com o sangue um elemento imaterial, que denominou pneuma vital. Esse fluido nasce no coração, distribui-se pelo corpo e se transforma no pneuma animal ao atingir o cérebro, nos permitindo perceber o mundo pelos sentidos e a reagir com os nossos movimentos aos seus estímulos. A ideia de um “espírito animal” produzindo nossos reflexos foi também adotada por René Descartes e por Thomas Willians, tendo aceitação médica por muitos séculos. Para Willians, os corpúsculos do “espírito animal” percorreriam os nervos para colocar em ação os nossos movimentos.

Nos dias de hoje, sabemos da importância da circulação sanguínea distribuindo por todo organismo não só o oxigênio que nos sustenta a vida, mas um número insuspeitável de substâncias ligadas à manutenção do metabolismo celular e de todo sistema imunológico.

André Luiz nos traz conhecimentos novos nessa área também. Diz o conhecido Espírito que junto com a circulação sanguínea circula o “princípio vital” indispensável à sustentação da vida. Ensina Kardec que é o princípio vital quem dá vida à matéria orgânica. Cada um de nós o tem disponível enquanto encarnados, consumindo nossa cota com o decorrer dos anos. Ele procede do “fluido cósmico universal” que nos abastece conforme nossas atitudes nos compromissos da vida. A meditação, a prece e o impulso que nos predispõe a amar ao

próximo fornecem a substância e a renovação do princípio vital. Ele nos penetra pela respiração, o que nos faz lembrar um dos mais belos versos da Bíblia – *E Deus fez o Homem do barro da Terra e soprou em suas narinas o sopro da vida.*

Anaxágoras considerava que o ar era a substância primitiva de onde procede tudo que existe. A relação do ar com a vida sempre foi aceita em muitas culturas. Nos livros de Galeno, as expressões *espíritos* e *pneumas* (ar) são equivalentes.

Aprendemos com André Luiz que o princípio vital é absorvido pela respiração e percorre todo organismo acompanhando a circulação do sangue.

A Glândula Pineal e sua fisiologia espiritual

Essa glândula situada no meio do cérebro já é conhecida há mais de dois mil anos e, mesmo assim, o que sabemos sobre ela é tão pouco que, nos tratados clássicos da neurologia, ela ainda não despertou interesse para merecer mais que citações curtas de algumas linhas sobre o hormônio que ela secreta, a melatonina.

A pineal é o relógio biológico que sinaliza um dos momentos mais importantes da vida, o despontar da sexualidade. Por ocasião da adolescência, a pineal reduz a produção da melatonina, ocorrendo, a partir daí, o desenvolvimento dos órgãos externos ligados à atividade sexual.

Até hoje é possível perceber, em determinados animais, que a pineal pode se comportar funcionalmente como um terceiro olho. Nesses animais, a pineal está situada acima do crânio, funcionando como um periscópio que exerce um papel de vigilância para o animal. Não se deve estranhar, portanto, a forte sensibilidade que a nossa pineal tem para com a luz. A entrada da luz, que atinge a pineal pelas fibras nervosas que nosso nervo óptico conduz, reduz a produção de melatonina. Num ambiente escuro, aumenta acentuadamente a produção do hormônio. Todos sabemos que os ursos hibernam em cavernas durante meses de escuridão e, nessa ocasião, o aumento da melatonina produz o entorpecimento do seu interesse sexual, que depois volta a se revelar no alvorecer da primavera.

O hormônio da pineal tem ligação direta com o depósito de melanina em nossa pele. Ele tem um efeito clareador que diminui a pigmentação da pele. Isso justifica, por exemplo, a cor esbranquiçada dos bagres que vivem nas profundezas de águas escuras.

A melatonina tem sido utilizada como tranquilizante, produzindo relaxamento e sonolência. Foi experimentada também no tratamento de dores de cabeça e de epilepsia, mas em todos esses quadros o efeito da melatonina é muito pobre.

André Luiz, através de Chico Xavier, trouxe-nos informações inéditas e surpreendentes sobre o papel da pineal quando observada a partir do plano espiritual.

Sensível às irradiações eletromagnéticas, nossa pineal é sintonizadora dos fenômenos de comunicação mental, mantendo-nos em permanente ligação com todos aqueles que compartilham conosco a mesma faixa de vibração.

Nos processos mediúnicos, a aproximação espiritual se vale da pineal para difundir sua mensagem até as diversas áreas cerebrais que ressoam sua transmissão.

Nas encarnações que a misericórdia divina nos permitiu transitar pela Terra, nos enredamos em situações onde tivemos oportunidade de cultivar relações afetivas profundas, ao mesmo tempo em que fomentamos rivalidades e discórdias das mais variadas conseqüências. Como a Lei divina não exclui ninguém dos reajustes necessários, será através da pineal que iremos encontrar, mais cedo ou mais tarde, aqueles mesmos amores sinceros que nos incentivarão a progredir e os inimigos do passado que nos exigirão saldar as dívidas e os compromissos.

Entretanto, por mais que a anatomia cerebral possa nos revelar, não reconhecemos nas vias que emergem da pineal qualquer indicação dessa extraordinária participação da glândula em nossa vida mental. Como explicar, em vista disso, o que nos esclarece André Luiz? Pressuponho que será necessário conhecermos qual é o mecanismo de atuação do Espírito sobre o cérebro. Daí, nosso propósito de reunirmos esse conjunto de fenômenos que sugerimos tratar-se de fenômenos “espírito-somáticos”.

No quadro dessa notória “fisiologia espiritual” a que André Luiz dá destaque, creio que a chave para sua compreensão está na participação do chamado “fluido universal”, tão conhecido no meio espírita.

Ensinam os Espíritos que elaboraram a doutrina com Allan Kardec que os fluidos servem de veículos para a transmissão do pensamento. Derivado do fluido cósmico universal, ele inunda o Universo, nos envolvendo a todos, nos permitindo compartilhar do “Hálito Divino” que nos alimenta.

Na vida física, atuamos pelas vias nervosas que nos estruturam os neurônios, suas imensas redes de comunicação e sua extraordinária química que sintetiza e conjuga os neurotransmissores. Na dimensão espiritual estaremos usando esse elemento sutil, fluídico, que obedece a vontade que a mente direciona, permitindo-nos criar através da fisiologia espiritual uma dispersão muito mais ampla nos seus efeitos fisiológicos.

Quando Louis Pasteur descortinou o imenso campo da microbiologia, esse conhecimento novo nos permitiu esclarecer a dinâmica da etiologia das doenças infecciosas. A descoberta do DNA abriu novas áreas para esclarecimento das chamadas doenças de origem genética. Entretanto, o estudo dos fluidos e suas propriedades poderá nos revelar uma nova fisiologia e, como consequência, as doenças que seus desvios provocam. A presença desses fluidos está intimamente relacionada com nosso padrão de atividade mental. A literatura espírita é farta em afirmar que todos nós somos a expressão da vida mental que nós mesmos escolhemos construir, e refletimos, em nossa aparência, a composição fluídica que selecionamos.

Os desequilíbrios mentais, que a neurobiologia de hoje entende como decorrentes das alterações em neurotransmissores, com certeza, iniciam sua perturbação a partir dos fluidos que permitimos nossa mente projetar no cérebro, desviando a química que nos preside o equilíbrio do pensamento.

A ectoplasmia

A partir dos fenômenos das mesas girantes, a mediunidade proporcionou aos pesquisadores do Século XIX uma imensa

variedade de manifestações físicas e, dentre elas, as materializações de entidades espirituais. Nessa fenomenologia é mobilizada uma grande quantidade de ectoplasma permitindo o estudo da sua elaboração e constituição química. Todos os que estão presentes no ambiente da experimentação estarão doando uma cota maior ou menor de fluidos, mas é do médium que sai, por todos seus poros e orifícios de excreção, o material mais ou menos denso que permitirá a presença das silhuetas que se corporificarão no ambiente onde o público aguarda.

No âmbito do estudo que estamos abordando, interessa anotar que o conteúdo bioquímico do ectoplasma procede, na esfera física, do citoplasma das células do aparelho mediúnico. Em conjugação com os fluidos dos dois planos da vida é que o fenômeno adquire as propriedades de transição que permitem aos Espíritos adentrarem a nossa dimensão.

A respiração restauradora

O ar, como fonte insubstituível de vida, é percepção do senso comum a qualquer de nós. O ato de respirar está intimamente ligado à nossa sobrevivência. Anaxágoras atribuía ao ar a origem de tudo. A Bíblia registra que recebemos a vida a partir do sopro de Deus. Nos textos de Galeno, como já notamos, as expressões *espírito* e *pneuma(ar)* eram equivalentes. Para ele o pneuma vital era absorvido pelos pulmões e circulava do coração até ao cérebro para nos manter vivos. Na cultura oriental os exercícios respiratórios têm indicação mais importante que a atividade muscular.

Um dos fundamentos da Doutrina Espírita é de que a vida decorre da presença do princípio vital que vivifica a matéria orgânica dando-lhe a propriedades de reagir.

A atividade constante dos nossos órgãos se faz à custa desse princípio vital e seu esgotamento leva o corpo à morte. Por outro lado, nossa atividade mental nos permite absorver da espiritualidade os fluidos que agregam elementos para sustentação do princípio vital. Mais atividade corresponde a mais vida, tanto do ponto de vista físico como espiritual.

André Luiz nos aponta em seus textos que a respiração é porta de entrada restauradora para a realimentação de nossas energias vitais.

Questões espíritas

Qual a relação que se encontra entre ser médico, ser espírita e também ser médico-espírita?

Essa pergunta exige que eu faça um pequeno relato autobiográfico. Meus pais me conduziram para a Doutrina Espírita quando completei sete anos de idade. Sou natural de Uberaba-MG, onde convivi com Dr. Inácio Ferreira e a médium Maria Modesto Cravo, diretores do Sanatório Espírita de Uberaba.

Quando completava 18 anos acompanhei a vinda para nossa cidade do médium Francisco Cândido Xavier. Creio que esses contatos me fortaleceram no conhecimento e na prática espírita. Sou médico pela Faculdade de Medicina da minha cidade, mas minha vida acadêmica foi exercida na UNICAMP em Campinas-SP, onde completei 44 anos de Neurocirurgia. Fica fácil compreender o porquê da minha opção pelo “espírita médico”.

Sem pieguice, sem religiosidade fanática, sem qualquer liturgia, estou comprometido apenas com o sofrimento dos que me procuram como médico e de quem vão ouvir um apelo à transformação íntima, ao crescimento espiritual, um apelo à solidariedade, ao esquecimento das ofensas, um apelo para superar as dificuldades da doença aproveitando as lições que ela oferece. Aprendemos que a doença é o princípio da cura. As limitações no corpo evitam descontroles no Espírito.

Não proponho suportar o sofrimento para nos eleger como santos, mas para superar as deficiências e continuar a aprender. Descobrir o talento que em cada um de nós a Misericórdia Divina favorece. Quem não anda, pode falar e a fala edifica; quem não enxerga, pode ouvir e quem ouve consola. Quando a esquizofrenia perturba a mente é hora de disciplinar o Espírito com mais horas no trabalho simples. Quando a depressão nos corrói por dentro, mobilizamos forças para atender as necessidades dos outros. Quem se deprime perde muito tempo pensando em si. Ao iniciar minhas consultas eu sempre alerta aos meus pacientes que meu propósito não será tratar das suas doenças, mas da sua própria pessoa, daí minha

necessidade de conhecê-lo por inteiro e questioná-lo em seus problemas físicos, psicológicos e espirituais.

O que se deve pensar das chamadas cirurgias espirituais que tantos médicos brasileiros estão realizando?

Essa pergunta é muito oportuna. Quero, porém, que todos compreendam minha resposta como opinião pessoal, portanto, com as deficiências da minha própria interpretação. Primeiro vamos comparar a cirurgia humana com a cirurgia espiritual. O Espiritismo não se propõe a substituir a Medicina humana. A cura que se obtém na carne não garante a cura do Espírito, nem soluciona seus débitos com a Providência Divina. Sem o resgate da culpa, sem a redenção espiritual, sem a transformação interior, sem a predisposição para melhorar só estaremos adiando compromissos ou trocando a forma de sofrer. Sou neurocirurgião e, no atual estágio da Medicina humana, eu sempre optaria por uma cirurgia num bom hospital com um médico competente. Por outro lado, pessoalmente, vejo qualquer procedimento cirúrgico como uma agressão ao corpo. Isso eu sempre ensinei aos meus alunos, e o progresso médico está, cada vez mais, reduzindo a extensão dos procedimentos cirúrgicos. Novas técnicas estão se aprimorando para substituir a necessidade de cirurgia. No domínio das “cirurgias espirituais”, minha percepção é de uma intervenção que deve ser mobilizada como uma “alternativa da Medicina”, não como uma “substituição da medicina”. A minha condenação se dirige ao uso de instrumentos cortantes ou aplicações de substâncias por injeções desnecessárias, como fazem alguns médiuns. Na minha percepção, os atuais médiuns de cura pela cirurgia espiritual vão contar, num futuro breve, com a assistência médica que disciplinará suas forças, assim como uma usina elétrica direciona as forças da queda das águas.

E sobre o médium João de Deus, que poderíamos dizer dele e do seu trabalho?

Só o conheço pela mídia. Seria leviandade da minha parte opinar sobre seu trabalho, que não conheço de perto. Entretanto, impressiona-me a presença de tanta gente e que por tantos anos o aceita e o procura para seu tratamento. Nenhum médico manteria tal clientela se não obtivesse o sucesso de curas que ele está produzindo. Imagino que não só ele, mas toda a multidão que o procura, deve estar mobilizando uma densidade fluídica

extraordinária que a “espiritualidade” ali presente deve aproveitar para modificar o padrão vibratório dos que frequentam aquele ambiente. O que quero dizer é que, enquanto no plano físico enxergamos um determinado tipo de atividade, às vezes chocante e até mesmo agressiva, no “plano espiritual” deve ocorrer uma mobilização gigantesca de Espíritos, tanto os necessitados de tratamento, como os operários da solidariedade espiritual, que aproveitam esses encontros para encaminhamentos espirituais necessários.

O Espiritismo, desde o seu começo, se mostrou como um tipo de conhecimento positivista, científico. Qual tem sido sua aceitação dentro dos meios acadêmicos?

Essa pergunta merece três colocações interessantes. Primeiro, minha própria atividade acadêmica como médico-espírita; segundo, a contribuição científica espírita para a Medicina e terceiro, a Espiritualidade que agora está sendo introduzida nas Faculdades de Medicina. Minha vida acadêmica iniciei como professor de neurocirurgia em 1966, percorrendo todos os graus de titulação acadêmica na UNICAMP, universidade de renome em nosso país. Em 1983 essa Universidade iniciou seus cursos de pós-graduação e, desde essa época, ministrei dois cursos anuais, um de Neurocirurgia e outro de “Cérebro e Mente”. Nesse último tivemos oportunidade de discutir, com diversos professores convidados, temas interessantíssimos sobre a Alma e a Espiritualidade. É claro que, ao lado de uma aceitação espetacular, tivemos a contrariedade da rejeição por parte de muitos colegas. Tenho a consciência de que fui pioneiro nessa área; mas hoje em dia a discussão sobre a dualidade “cérebro-mente” se estendeu pelo mundo todo, embora ainda prevaleça a distorção da visão materialista que predomina entre os médicos. A contribuição do “paradigma espírita” para a Medicina, a meu ver, é extremamente abrangente. Ele considera o ser humano como possuidor de um corpo físico, um “corpo espiritual” e uma Alma de onde procedem suas capacidades intelectuais e morais. Essa Alma é imortal e durante toda a eternidade estará nascendo e renascendo sem condenações eternas, para progredir infinitamente em sabedoria e bondade. Estamos todos mergulhados num “fluido cósmico” que serve de meio para a criação do mundo material, do mundo espiritual e da comunicação entre os dois mundos. Uma vez fora do corpo físico que a morte um dia nos lançará, encontraremos os Espíritos que nos precederam e a quem permanecemos ligados.

Esses Espíritos desencarnados, em grande parte, permanecem mais ou menos próximos de nós, auxiliando em nossas necessidades ou, pelo contrário, perturbando-nos ou induzindo-nos a desvios comprometedores do nosso destino. A Espiritualidade agora já faz parte do currículo de várias Instituições Universitárias. O que isso significa? Os médicos de modo geral sempre levaram em conta a Fé de seus pacientes, mesmo sem compartilhar com suas “crenças” ou seus “estados de espírito”. Só que agora isso está sendo quantificado no meio acadêmico e os resultados estão sugerindo um benefício positivo para as orações em favor dos pacientes. Mas isso não é o bastante. Os médicos, em geral, aceitam estudar a Espiritualidade porque a admitem como uma propriedade humana, semelhante a qualquer aspecto do caráter humano. A Doutrina Espírita, com toda sua potencialidade para esclarecer a “natureza espiritual” do ser humano, ainda não foi admitida no meio médico, a não ser em uma ou outra Tese de doutorado que focaliza aspectos pontuais de interesse restrito. Para mim, pouco adianta falar de uma “Espiritualidade sem Espírito”. É o conhecimento do mundo dos Espíritos e suas relações com o mundo corpóreo que fará toda a diferença.

O brasileiro é um povo místico, especialmente o baiano; teremos, por isso, mais facilidade para que a Medicina entre nós aceite as ideias espíritas?

Tive a oportunidade de estar algumas vezes na Bahia. Fica-se com a impressão de estar ela por inteiro mergulhada numa espiritualidade contagiante.

Na Bahia não há que fazer crer, o baiano acredita em tudo. Ele compartilha com você tudo que puder virar música ou devoção. Os dois mundos, o material e o espiritual, fazem parte do seu cotidiano, dos seus compromissos e das suas superstições. Essa pergunta está, portanto, muito bem colocada. Essa convivência espiritual favorece a aceitação da Doutrina Espírita?

A resposta é sim, mas, por se tratar da Bahia, é sim para todas as doutrinas, é aí que reside o problema. A Doutrina Espírita nos alerta para os excessos de aceitação, credices e interferências anímicas. O Espiritismo tem os seus fundamentos, codificados por Allan Kardec, sugerindo aos seus adeptos muito critério na identificação do que é espiritual ou não.

Qual o significado do termo metaneurologia?

Como reunir meu conhecimento espírita com minha formação neurológica? Existiria um ponto de contato entre esses dois modos de conhecer o ser humano? O que a neurologia ainda não explica, a Doutrina Espírita pode contribuir para explicar? Foi assim que me apropriei do termo Metaneurologia para reunir uma série de informações espíritas, para esclarecer uma fenomenologia que a neurologia sozinha não consegue explicar adequadamente. Nesse conhecimento listei as seguintes proposições: existe em nós, um “corpo mental” que transmite nossos pensamentos, registra nossas sensações, acumula nossas memórias, transita livremente nas dimensões espirituais e modifica-se por interferência dos nossos pensamentos. Na existência desse “corpo mental” está a explicação para o comportamento das paralisias e das anestésias na histeria, das memórias extracerebrais confirmadas pela hipnose, das pseudoalucinações das narcolepsias, dos sintomas nos “membros fantasmas”, dos “sonhos lúcidos”, das experiências de quase morte e das viagens astrais (out off body experience). Sugeri a Metaneurologia como campo de estudos para esse grupo de fenômenos.

O progresso das Neurociências facilitará a compreensão dos fenômenos da espiritualidade e das curas espirituais?

Peço licença para repetir que as opiniões que aqui tenho expressado são frutos do meu entendimento, sem a pretensão de ser uma verdade, ou de representar a Doutrina Espírita. Realmente as Neurociências estão em franco progresso penetrando na intimidade de muitos processos ligados à fisiologia do cérebro. Estão estabelecidos os papéis dos neurônios em atividades complexas como a fala, a visão, a tomada de decisões, o planejamento de metas, as escolhas éticas, os talentos musicais e até mesmo nosso comportamento altruísta. A meu ver, toda essa interpretação parte de um princípio errado ao atribuir a uma parte do cérebro, aos neurônios ou a determinadas áreas cerebrais uma atividade que é do ser humano, da sua pessoa, da sua Alma ou pelo menos da sua mente, se preferir. Para mim a espiritualidade será mais facilmente revelada se estudarmos os fenômenos provocados pela “emancipação da Alma”. Por isso tenho insistido em iniciarmos pelo estudo do “corpo mental”. Poderíamos perguntar como conseguir a emancipação da Alma para estudo. Ora, toda a gama de fenômeno mediúnico ocorre

por estar a Alma emancipada do corpo. As experiências do sonambulismo provocado expõem uma enorme possibilidade de investigação. Não adianta procurarmos a Alma onde ela não se revela, no bisturi do cirurgião, nos “escâneres” radiológicos ou na perturbação das sinapses. A pergunta me permitirá abordar, também, a questão da “cura espiritual”. Aprendi que a Misericórdia Divina colocará sempre ao alcance da Medicina Humana a possibilidade da cura de nossas doenças. Meus 44 anos de Neurologia me permitiram constatar inúmeros progressos na nossa capacidade de curar. É de supor que Deus nos possibilitará contar com tudo o que realmente estiver de acordo com nossas próprias necessidades. O que nunca poderemos nos livrar será dos débitos que teremos de resgatar. Ao iniciar-me na Neurologia, no início dos anos 60, chocava-me atender crianças vítimas da paralisia infantil. Meses de cama sem poderem levantar uma perna ou um braço ou a própria respiração. Presenciei, logo depois, a chegada da “gotinha” milagrosa que a vacina introduzia no organismo infantil. Passam-se os anos, as cidades modernas estão agora inundadas de motocicletas, são jovens que frequentemente abusam da velocidade e vários deles acabam naquele mesmo leito da paralisia, sem poder se mover e às vezes sem respirar. Ainda na Faculdade de Medicina conheci as aberrações da hidrocefalia. A mãe e a criança lutavam para manter o equilíbrio da mente. O excesso de líquido dentro da cabeça não permitia acumular qualquer aprendizado. Veio o progresso da técnica trazendo as válvulas de drenagem. A criança está salva, mas não dos riscos da adolescência. A droga perigosa está presente nos ambientes escolares. E, recapitulando o aprendizado, mãe e filho tentam de novo manter o equilíbrio da mente. A cura só trará progresso efetivo se vier acompanhada de “iluminação”. O “conhece-te a ti mesmo” ainda é muito oportuno. A melhor forma de tratamento ainda é um código de conduta moral comprometida com a disposição de ajudar ao próximo. Nesse sentido, o médico, no seu papel de terapeuta, não pode se acomodar apenas aconselhando; ele precisa dar o exemplo da sua respeitabilidade e disposição em fazer o bem.

Qual a relação entre sonho, corpo mental, viagens astrais, sonhos mediúnicos e premonições?

Enquanto o corpo repousa no sono, a Alma tem oportunidade de se locomover mais ou menos livremente nas dimensões do plano espiritual. Essa liberdade não é total, está na dependência de

diversos fatores, principalmente, da condição espiritual de cada um. A literatura leiga é muito rica em relatos dessas experiências que se revelam, por exemplo, pelos “sonhos lúcidos”. Precisamos aprender a distinguir nesses relatos a informação digna de crédito e a fantasia. Nas dimensões espirituais a Alma buscará sempre as mesmas pessoas e ambientes que comungam com ela os mesmos pensamentos e desejos. Ninguém alcança os planos superiores se não tem condições vibracionais para tanto. É preciso saber, também, que a maioria de nós percorre as esferas espirituais com a mesma ignorância do selvagem colocado numa cidade grande. O medo e a falsa interpretação dessa realidade nova não são fáceis de superar. Além disso, no retorno ao corpo físico, nossa fisiologia cerebral terá de absorver as informações espirituais dentro de um texto que a linguagem cerebral permite. Temos um computador cerebral com determinados programas e os arquivos do corpo mental “não rodam” com fidelidade nas “janelas” do cérebro físico. Daí a possibilidade do fantasioso, do deslumbramento ou da estranheza perturbando a nitidez das telas presenciadas na espiritualidade.

A doença pode ser entendida como oportunidade de se conhecer mais? Isso não modifica totalmente o paradigma científico?

Mais cedo ou mais tarde o paradigma da Ciência Médica da atualidade terá de mudar. Não estou a condená-lo. Apenas quero chamar a atenção para a sua incompetência. Ele é reducionista e materialista. A Medicina com essa visão acanhada do ser humano só pode saber a causa da dor, mas não terá alcance para esclarecer a causa do sofrimento. Vamos analisar, agora, as questões “espirituais”. A doença seria então um mal necessário? Acho essa afirmação falsa, nenhum mal é necessário. Por que então adoecemos? Por que uma criança inocente nasce com doenças tão graves? Devemos suportar com resignação uma doença que vai nos levar à morte? Abreviar a vida de um paciente doente não vai lhe aliviar o sofrimento? Por que uns suportam com resignação e outros com revolta? As doenças têm causas físicas, psicológicas e sociais, podemos supor que existam causas espirituais para o adoecer? Podemos encontrar, facilmente, as respostas a essas questões dentro do paradigma espírita: somos seres imortais ocupando provisoriamente um corpo de carne. Após essa vida estaremos convivendo com outros Espíritos no mundo dos desencarnados, que é nossa situação definitiva, mas não permanente, porque estaremos sujeitos a reencarnações sucessivas para seguirmos os desígnios de

Deus, que nos criou com o propósito de progredir indefinidamente. Somos livres para agir e nossa consciência será sempre nosso Juiz inflexível. Ao agir, seremos escravos das consequências dos nossos atos, e sempre que prejudicarmos nosso semelhante estaremos irremediavelmente comprometidos em reparar esses danos. Em encarnações passadas, por consequência da nossa ignorância, já estivemos envolvidos em todas as mazelas humanas, trazendo para os dias de hoje os sinais de doença no próprio corpo como mecanismo abençoado de regeneração. Já erguemos o braço para ferir e hoje a paralisia nos educa. Já usamos a fala para magoar e hoje a afasia nos humilha. Já usamos a mente para corromper e hoje a esquizofrenia nos confunde. Já usamos os olhos para acusar e hoje nossa cegueira implora um braço para nos guiar. Já usamos a força para impor e hoje a demência nos faz dependente de todos. Ameaçamos e amedrontamos no passado e sofremos com o pânico no presente. Perturbamos o corpo no vício, no suicídio, no aborto, no homicídio, e hoje arrastamos as encefalopatias infantis, as malformações do coração e as degenerações espinhais. Ontem, exercemos o poder com mão de ferro exigindo obediência, nossa mesa era farta e convivíamos com o desperdício, dependíamos do álcool, do cigarro, do sexo pervertido, dos abusos alimentares, das drogas excitantes, e hoje dependemos dos remédios para a asma, o diabetes, a epilepsia, o Alzheimer, a pressão alta e também da caridade alheia nas mãos de enfermeiros e cuidadores assalariados. O Espírito está sempre na origem de todas as doenças. Um Espírito perturbado, o corpo adocece. O corpo doente coloca o Espírito em prova. Espírito em prova é oportunidade de redenção. "Tenho a convicção de que em poucas décadas a Ciência terá confirmado a reencarnação, a existência da Alma e a comunicação com os Espíritos. Mesmo assim ela permanecerá a mesma. Uma mudança verdadeira só aconteceria se a Ciência se comprometesse com princípios morais. Se aceitasse Jesus com a mesma convicção com que aceita Darwin ou Maxwell. Se sua neutralidade fosse substituída por responsabilidade."

Pode-se falar que mente e Espírito são sinônimos? O Espírito pode se explicar pelos neurônios?

Para as Neurociências a mente é um conjunto de propriedades características do ser humano. Ela inclui sua capacidade de pensar, de tomar decisões, de avaliar o sofrimento, de fazer cálculos, de comunicar-nos com nossos semelhantes, de compreender a lógica,

de reconhecer o mundo à nossa volta. Todas essas competências são habilidades criadas pelo próprio cérebro. Sem o cérebro não existiria a mente. Todas essas afirmações são descritivas das propriedades da mente, sem defini-la. Para mim, adoto a ideia de que a mente é sinônimo de Espírito e o cérebro, o instrumento de sua manifestação. Todas essas competências da mente (da Alma) se processam através do cérebro, utiliza seus neurônios, mas é independente dele. Na primeira afirmação – de que a mente resulta da atividade cerebral – estaríamos obrigados a ser o que o cérebro é. Todo o nosso conhecimento, numa visão aristotélica, seria adquirido depois de sensibilizarmos o cérebro. Não haveria, assim, nenhum conhecimento inato. Atribuir ao neurônio uma propriedade que é da Alma seria atribuir às partes uma atividade que é do todo, o que é filosoficamente errado. O Espírito se explica numa série de experimentos que revelam sua atuação extracerebral, em todos os fenômenos de “emancipação da Alma”. A Doutrina Espírita tem um texto claro sobre esses fenômenos. Recentemente escrevi um artigo sobre o que chamei de “Fenômenos espírito-físicos” e, ali, fiz uma sugestão sobre a atividade dos corpúsculos de Nissl, hoje chamados retículos endoplasmáticos, na produção de proteínas que constroem portas de entradas nas membranas dos nossos neurônios. Pude sugerir que compete ao Espírito construir o padrão de neurônios que deseja ter.

Vamos aprofundar um pouco mais os conceitos desse estudo.

Começemos com Shakespeare (Próspero): “Nós somos feitos da mesma matéria que os sonhos”. Nosso cérebro é atingido continuamente por estímulos externos e internos. Quando reagimos, estamos pondo em ação um turbilhão de combinações químicas nas sinapses entre milhões de neurônios envolvidos nessa reação. O contato de um neurotransmissor provoca mudanças no interior do núcleo dos neurônios. Saindo dos núcleos, um mensageiro químico leva uma receita de proteína que se fixa na membrana celular criando um novo ponto de contato, onde mais estímulos poderão ser decodificados. Um estímulo repetitivo acabará criando vários botões sinápticos, ampliando a possibilidade de conexões desse neurônio com seus vizinhos. Para resumir, um neurônio estimulado intensamente, e repetidamente, passa a elaborar receitas a partir do seu núcleo, que ampliará, em três frentes, a capacidade do neurônio: aumento do número dos botões sinápticos, aumento da árvore (prolongamentos) sináptica e ampliação da rede de contato entre

neurônios. Ao fazermos nossas escolhas – prefiro música clássica; ao tomarmos nossas decisões – prefiro continuar magoado; ao escolhermos nossos amigos – só aceito meus parentes; ao nos dedicarmos a uma rotina de exercícios físicos – prefiro a vida sedentária; ao escolher uma leitura – um jornal sensacionalista, um livro de autoajuda; ao criticar um comportamento – meu chefe é prepotente; ao decidir pelo altruísmo – meu filho merece esse sacrifício, todas essas atitudes são recursos que fixam para sempre o tipo de neurônio que permanecerá vivo e atuante em nosso cérebro. A oportunidade de crescer espiritualmente não nos faltará, mas a escolha será sempre nossa. Sou de opinião que uma das mais significativas contribuições científicas da Doutrina Espírita é a Teoria dos fluidos espirituais, que nos permitirá estabelecer uma nova concepção de toda fenomenologia física e espiritual que conhecemos.

Que alcance e aceitação tem hoje essa ideia? Está ela só dentro do Espiritismo?

A “Teoria dos Fluidos Espirituais” ainda não é aceita pelo meio acadêmico conservador se considerarmos a versão que a Doutrina Espírita oferece. Se usarmos o termo, que me parece mais acanhado, de “bioenergia”, creio que encontraremos investigação científica séria. Quero aproveitar a pergunta para esclarecer o conteúdo da afirmação que foi destacada. Há uma série de situações que a Ciência humana testemunha sem conseguir explicar ou até mesmo admitir. Por exemplo, as cirurgias espirituais sem assepsia, a cura pelas mãos, o transporte de objetos de um ponto ao outro vencendo obstáculos materiais, as aparições, as comunicações com os desencarnados, hoje registradas em mídias, o aparecimento de doenças tidas como psicossomáticas, entre muitas outras que a meu ver são produzidas pela presença desse “Fluido Espiritual”, que modifica as propriedades da matéria corrompendo as leis da física que conhecemos. O fenômeno mediúnic é um automatismo cerebral complexo, que ocorre com a participação em parceria de uma consciência encarnada, o médium, e um Espírito comunicante.

Pode-se explicar melhor estas ideias?

Um Espírito desencarnado que pretenda se manifestar em nosso mundo terá sempre de contar com a participação de um médium que lhe cederá os “fluidos humanos” necessários a esse processo. Seja

nos fenômenos de efeitos físicos, seja nos fenômenos de efeitos intelectuais, essa dualidade é fundamental. A história da Humanidade em todas as civilizações registra a presença destas comunicações. Estão aí os Livros Sagrados de diversas religiões para confirmar. No entanto, foi com Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”, que recebemos da espiritualidade um esclarecimento direto do processo pelo qual essa comunicação espiritual ocorre. Está escrito que as comunicações mediúnicas ocorrem “através do cérebro dos médiuns”. Foi, por isso, que estudando a Neurologia, assumi o desafio de compreender neurologicamente a mediunidade. O que propus só tem valor provisório, até que alguém mais experiente possa nos corrigir ou a espiritualidade nos fornecer subsídios para uma melhor compreensão. Considerando as características da escrita mediúnica, pela sua rapidez, escrita às vezes na total escuridão, abordando temas sem preparo prévio, creio que ela se parece muito com nossos atos automáticos, que se processam nos núcleos centrais do cérebro. Foi essa combinação que apontei nas minhas descrições. Enquanto o Espírito que se comunica se utiliza dos núcleos do automatismo motor, o médium tem livre o seu córtex cerebral que lhe permite interferir ou não na mensagem. Por isso o processo é de parceria, sempre.

Da minha parte, procurei dar um enfoque mais neurológico; envolvendo os núcleos da base nos automatismos psicomotores, podemos compreender a fisiologia que impulsiona a mão do médium na psicografia e a fala mediúnica. Atualmente, os estudiosos do cérebro estão dando cada vez mais destaque aos neurônios em espelho. Com eles, nós sintonizamos com as atitudes dos outros, permitindo-nos "sentir no lugar do outro”.

Isso quer dizer que todos podemos ser médiuns e nos curar ou curar a outros?

A mediunidade é uma capacidade inerente a todos os seres humanos. O seu grau de expressão é que varia de uma para outra pessoa. Alguns têm uma mediunidade ostensiva, outros têm apenas a intuitiva. A modalidade de fenômeno também é variável. Alguns se prestam para a cura, outros para a fala, a escrita ou a vidência. O Homem do futuro saberá conquistar e disciplinar esses recursos assim como aprendemos a disciplinar e controlar as forças da Natureza. Em nosso país (Brasil), temos milhares de Centros Espíritas que organizam suas “escolas de Médiuns” procurando

instruir e preparar seus frequentadores para as práticas mediúnicas. Essas atividades são isentas de proselitismos, de qualquer liturgia, de evocações ostensivas e exigem estudo aprofundado das obras de Allan Kardec. Toda doença, de qualquer natureza, tem sempre uma motivação espiritual. Tenho procurado divulgar aos interessados uma classificação didática das "doenças espirituais".

Quais são essas classificações?

Sabendo que sou médico-espírita, sou questionado frequentemente pelos meus pacientes se seu problema é ou não de origem espiritual. Quando vão ao centro espírita, esses mesmos pacientes ouvem dizer pelo menos dois diagnósticos: ou eles são vítimas de obsessão ou têm uma mediunidade que precisam desenvolver. Ao iniciar meus estudos médicos, ainda era atormentado por esse dilema: uma determinada doença é de causa física ou espiritual. A experiência e o contato com instrutores e médiuns de confiança me convenceram de que todas as doenças têm causa ou motivação espiritual. Mas seria sempre uma obsessão ou seria um prenúncio da mediunidade como fazem crer alguns? Ao longo dos anos elaborei uma classificação com interesse didático para conhecermos melhor a relação entre as doenças e a espiritualidade. Em primeiro lugar, preciso esclarecer, do ponto de vista médico, que cada grupo de doenças obedece a determinados princípios. É assim que temos doenças infecciosas baseadas na presença de um germe patológico, as doenças vasculares baseadas nos distúrbios circulatórios, as doenças genéticas fundamentadas nas alterações cromossômicas e assim por diante. Como então seria fundamentada a doença espiritual? Isso é importantíssimo saber. Vamos apontar esses fundamentos: somos uma Alma imortal, ocupando um corpo carnal provisório, e estamos destinados a reencarnar sucessivas vezes para, através das experiências de vida, progredir ininterruptamente. Possuímos um "corpo espiritual" (perispírito) que serve de intermediário entre esse mundo e o mundo espiritual. Esse perispírito é extremamente sensível às vibrações do nosso pensamento. Estamos todos mergulhados em um "fluido espiritual" e, através dele, transmitimos nosso pensamento e são produzidos todos os fenômenos mediúnicos. Nossa atividade mental, repercutindo suas vibrações nesse fluido espiritual, constrói uma coleção de "imagens mentais" em torno de nós mesmos, ambiente comumente chamado de "psicosfera", que pelo seu conteúdo identifica claramente o teor de desejos e intenções que caracteriza cada um de nós em particular.

Como criaturas espirituais, nosso mundo verdadeiro é o mundo espiritual, onde uma imensidão de Espíritos convive em intensa e variada atividade, podendo de múltiplas maneiras interferir em nossas vidas e principalmente em nossos pensamentos. Agora podemos expor nossa classificação: Para simplificar vamos abordar os dois grupos principais: as doenças “autoinduzidas” e as “compartilhadas”. As primeiras são produzidas por nós mesmos e as compartilhadas incluem a presença de “entidades espirituais desencarnadas”. As autoinduzidas são decorrentes das nossas imprevidências. Apontamos nelas outros dois subgrupos: o “desequilíbrio vibratório” e a “auto-obsessão”. O perispírito ajusta-se ao nosso corpo por um mecanismo de sintonia vibratória extremamente sensível à vibração mental. Portanto, cultivar pensamentos de ódio, ressentimento, inveja, ociosidade, vícios e desvios de conduta, altera a “sintonia” entre esses dois corpos. Penso que esse quadro justifica uma série de sintomas do nosso cotidiano: fadiga crônica, indisposição, insônia, dores musculares, irritabilidade. A Auto-obsessão decorre da projeção de imagens mentais que criamos em torno de nós como se fossem entidades reais a nos atormentar. Elas resultam de desejos persistentes, frequentemente irresponsáveis, com forte conteúdo erótico, de ideias fixas, da vontade de possuir o que nem sempre nos é de direito, da inveja e do ódio a pessoas não menos necessitadas do que nós de perdão e compreensão. Amar ou odiar significa compor um mundo mental em torno de nós, onde irão apresentar-se as paisagens luminosas do amor ou os cenários tenebrosos, em que transitam as imagens de quem odiamos. As doenças espirituais compartilhadas são, também, de dois subgrupos: o “vampirismo” e as “obsessões”. O termo vampirismo choca à primeira vista, mas é adequado para indicar que estamos sendo “sugados” em nossas energias espirituais. Convém lembrar as palavras de Paulo, o Apóstolo, quando escreveu aos Hebreus: “*vivemos com uma nuvem de testemunhas*”. Literalmente, estamos em constante convivência com uma multidão de Espíritos que nossa vibração atrai. Na prática do bem, seremos assistidos por bons Espíritos. Desviando nossos pensamentos e nossos comportamentos para vícios de qualquer natureza – álcool, sexo, drogas, abusos alimentares, adultério, atrairemos a companhia de “Espíritos comparsas” que passam a desfrutar conosco os pensamentos, as ideias fluídicas e as emanções da química de qualquer vício que alimenta nossa dependência. Podemos passar anos, às vezes uma vida inteira, e até mesmo após a desencarnação, vampirizados pela presença dessas entidades que compartilham conosco os mesmos desejos, as

mesmas vinganças, as mesmas decepções e os mesmos vícios. A obsessão já é muito conhecida. São entidades espirituais que nos acompanham por milênios exigindo resgate de contas ou tentando nos impingir os mesmos prejuízos que lhes causamos no passado. Não se trata, frequentemente, de um só obsessivo; nossas múltiplas encarnações arrastaram conosco muita gente com quem compartilhamos as desditas da vida. Não podemos atribuir ao obsessivo a persistência das nossas doenças. O mais culpado nessa perturbação social, frequentemente, somos nós mesmos. Foi pela imprevidência, pela traição, pelas promessas não cumpridas, pelo abandono, pelo crime, pelo falso testemunho, pelo adultério, pelo aborto ou pela escravidão que entrelaçamos o nosso destino com o daqueles que perturbamos. Preciso aproveitar a pergunta para falar sobre o tratamento da doença espiritual. Os nossos Centros Espiritas estão abarrotados de gente que pensa poder transferir para os Espíritos as necessidades que eles têm de se modificarem. O Centro Espirita é uma Casa de estudo, de esclarecimento, de orientação. O dever a cumprir é obrigação nossa. O propósito do Espiritismo não é competir com a Medicina. Em primeiro lugar, precisamos reeducar o Espírito com o trabalho digno e o estudo edificante, buscando o crescimento interior. É um processo que pode ter longa duração e ninguém o fará por nós. Quanto à obsessão, a Justiça Divina pode não ter pressa, mas será inflexível. Os quadros se arrastam por milênios, até que haja o resgate de todo o débito. É por isso que vítima e algoz imploram, frequentemente, pela aproximação com a bênção do esquecimento. É a reencarnação que coloca no mesmo lar, debaixo do mesmo teto, a filha difícil, o filho rebelde, a esposa leviana, o marido irresponsável, o irmão perdulário, gerando tormentos, produzindo lágrimas, dilapidando a Alma até que a luz do perdão traga uma solução definitiva. Convém anotar que Chico Xavier nos ensinou que, quando a Misericórdia Divina nos surpreende fazendo o bem aos outros, a conta dos nossos débitos é adiada indefinidamente.

Fim